

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA

VITOR HUGO SILVA DE OLIVEIRA

**PANTERA NEGRA: REPRESENTATIVIDADE E ANCESTRALIDADE.**  
UM ESTUDO SOBRE AS NOVAS REPRESENTAÇÕES DOS INDIVÍDUOS  
NEGROS EM PRODUTOS AUDIOVISUAIS

PORTO ALEGRE

2018

VITOR HUGO SILVA DE OLIVEIRA

**PANTERA NEGRA: REPRESENTATIVIDADE E ANCESTRALIDADE.  
UM ESTUDO SOBRE AS NOVAS REPRESENTAÇÕES DOS INDIVÍDUOS  
NEGROS EM PRODUTOS AUDIOVISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Publicidade e Propaganda.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sandra de Fátima Batista de Deus

PORTO ALEGRE

2018

VITOR HUGO SILVA DE OLIVEIRA

**PANTERA NEGRA: REPRESENTATIVIDADE E ANCESTRALIDADE.  
UM ESTUDO SOBRE AS NOVAS REPRESENTAÇÕES DOS INDIVÍDUOS  
NEGROS EM PRODUTOS AUDIOVISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em  
Publicidade e Propaganda.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sandra de Fátima Batista de Deus (Orientadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Miriam de Souza Rossini (Examinadora) - UFRGS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Porcellis Aristimunha(Examinadora) – UFRGS

Dedico este estudo ao meu avô materno Alzemiro Gonzaga da Silva (In Memoriam), por ser, durante todos os momentos da minha vida, uma fonte de inspiração e luz. Também à Marielle Franco, Rodrigo

Alexandre, Marcos Vinícius, e a todos corpos negros mortos por uma sociedade racista e violenta.

### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meu Orixás e a Deus, por serem o meu sustento de fé, inspiração de vida, fonte de luz incansável e de um amor sem precedentes. Que durante toda minha vida me abençoaram, colocando pessoas incríveis no meu caminho, livrando-me de todo o mal e abrindo meus caminhos.

Aos meus pais, João Coelho e Nara Lúcia, pelo apoio incondicional e por sempre darem amor e suporte para que pudesse, primeiramente, acessar a universidade pública, e agora estar concluindo esta etapa. Por proporcionarem um mundo de conhecimento, experiências e vivências enriquecedoras. Por darem todas as condições materiais e emocionais, a mim e ao meu irmão, Thiago, para que pudéssemos realizar todos os nossos sonhos. A esse último, por ser sempre o meu elo de ligação ao passado, por servir como ombro amigo e incondicional em todo momento no qual precisei.

À minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. Sandra de Deus, pela qual possuo imensa admiração e respeito, pelo conhecimento compartilhado comigo durante nossos encontros e por aceitar ajudar na elaboração deste trabalho.

À minha avó, Valéria Pires, por me inspirar com sua trajetória de vida e por todos os ensinamentos passados, pela demonstrar sempre a força e garra de uma mulher guerreira. Conjuntamente, à minha madrinha, Ana Cristina, pelo imenso carinho dedicado a mim. E à minha afilhada, Ana Paula, por, mesmo sem saber, me dar forças para lutar contra o racismo para que ela possa viver um mundo melhor.

À Lara Goularte, pela paciência, zelo, amor e força que foram essenciais durante o caminho percorrido, e que me fizeram acreditar nos meus sonhos. Por nunca duvidar da minha capacidade e ser luz em todos os momentos.

Ademais, agradeço a todos amigos e familiares que, de alguma forma, incentivaram-me e contribuíram para meu desenvolvimento e para a realização deste trabalho.

## RESUMO

Tendo como base o conceito de racismo estrutural, que se refere a um sistema de opressão que segrega pessoas negras de ocuparem determinados campos sociais, este estudo tem o objetivo geral de verificar o papel que os produtos audiovisuais de massa podem exercer para a manutenção desse sistema opressivo. Para isso, a fundamentação teórica irá abordar a invisibilidade da história da África no ensino escolar, levando em conta a sua importância para a formação social e econômica mundial, e a escravidão na América, principalmente no Brasil. Compreender como esses acontecimentos influenciaram a formação demográfica do nosso país, para, posteriormente, entrar no campo da comunicação, estudando o significado de cultura de massas e como são criadas as identidades nesse processo comunicacional, assim como os estereótipos e estigmas. Essa base teórica vai dar sustentação ao objetivo específico, que consiste em analisar como o filme *Pantera Negra* (2018), produção que pode ser considerada como um marco para que se pensem novas representações e narrativas acerca da população negra. Para isso, será utilizado o método de análise fílmica, que consiste em decompor o filme em alguns elementos, de maneira a possibilitar uma melhor interpretação da sua linguagem. Essa análise será feita conjuntamente com uma série de reportagens do portal de notícias do G1, selecionadas conforme a relação com o filme. Compreendendo o contexto social no qual está inserida a obra, permite-se abordar termos como “Lugar de Fala”, usando como suporte a conceituação proporcionado por Djamila Djamila Ribeiro (2017), e a importância da validação das identidades. Como resultado, pode-se verificar que se faz necessário a quebra de estereótipos de pessoas negras já cristalizados no imaginário coletivo, e que produções como o objeto central desse estudo possuem uma importância imensa na representatividade e na criação de novas identidades negras.

**PALAVRAS-CHAVES:** Racismo. Representatividade. Ancestralidade. *Pantera Negra*. Identidade.

## **ABSTRACT**

Based on the concept of structural racism, which refers to a system of oppression that segregates black people from occupying certain social fields, this study has the general objective of verifying the role that mass audiovisual products can play in maintaining this system oppressive. For this, the theoretical foundation will address the invisibility of the history of Africa in school education, taking into account its importance for the world social and economic formation; slavery in America, especially in Brazil. Understand how these events influenced the demographic formation of our country, and then enter the field of communication by studying the meaning of mass culture and how identities are created in this communicational process, as well as stereotypes and stigma. This theoretical basis will support the specific objective of analyzing how the film *Black Panther* (2018) can be considered as a framework for thinking about new representations and narratives about the black population. For this, the method of film analysis will be used, which consists of decomposing the film into some elements in order to allow a better interpretation of its language. This analysis will be done in conjunction with a series of reports from the G1 news portal, selected according to the relationship with the film. Understanding the social context in which the work is inserted, it is possible to approach terms like "Lugar de Fala", using as support the conceptualization provided by Djamila Ribeiro (2017) and the importance of the validation of identities. As a result, it can be verified that it is necessary to break stereotypes of black people already crystallized in the collective imagination and that productions as the central object of this study have an immense importance in the representativeness and creation of new black identities.

**KEY-WORDS:** Racism. Representativeness. Ancestry. Black Panther. Identity.

## **LISTA DE TABELAS**

<b>TABELA 1</b> - Relação de Personagens e Atores do Filme Pantera Negra.....	43
<b>TABELA 2</b> - Reportagens do Portal de Notícias G1 Seleccionadas Para Análise.....	65

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2. NEGRO E O MUNDO .....</b>	<b>13</b>
2.1 - África, o negro e a escravidão .....	13
2.1.1 - História da África .....	13
2.1.2 - Escravidão-Escravidão no Brasil .....	17
2.1.3 - A contribuição dos escravos para a formação da sociedade brasileira .....	24
2.2 - Racismo: mecanismos e suas estruturas .....	28
2.2.1 - O que é racismo? .....	28
2.2.2 - A articulação do racismo .....	30
2.3 - Estereótipos e estigmatização do negro nas produções midiáticas .....	33
2.3.1 - Comunicação e cultura midiática/massa .....	33
2.3.2 - A representação do negro: seus estereótipos e estigmas .....	36
2.4 - A construção da identidade negra pela mídia .....	38
<b>3. O PANTERA NEGRA .....</b>	<b>42</b>
3.1- O filme .....	42
3.1.1 - Informações gerais .....	42
3.1.2 – Personagens .....	42
3.1.3 - O enredo.....	44
3.1.4 – Críticas .....	48
3.2 - Representação do negro no filme .....	49
3.2.1 - A representação da população negra .....	49
3.2.2 - O negro não colonizado .....	50
3.2.3 - Ancestralidade negra e sua história .....	51
3.2.4 - O negro que permaneceu no seu lugar de origem .....	53
3.3 - Elementos de criação da nova imagem do negro.....	53
3.3.1 - A realeza .....	53
3.3.2 - Cultura própria .....	54

3.3.3 - Tecnologia desenvolvida .....	55
3.3.4 - Shuri, Nakia, Okoye: o poder das mulheres negras.....	55
3.4 - O herói e vilão .....	57
<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE .....</b>	<b>60</b>
4.1 – Método .....	60
4.2 - Seleção de materiais .....	63
4.2.1 - Elementos do filme .....	63
4.2.2 - Reportagens .....	64
4.3 – Análise .....	66
4.3.1 – História .....	66
4.3.2 – Representatividade .....	67
4.3.3 - Cenários: riqueza natural .....	69
4.3.4 - Composição: personagens, roupas, figurinos e idioma.....	71
<b>5. - PANTERA: PODER E IDENTIDADE .....</b>	<b>74</b>
5.1 - Poder, identidade e lugar de fala.....	74
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>79</b>
<b>7. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>81</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A comunicação social visa compreender e colocar sob análise a relação dos meios de comunicação de massa e a sociedade, entretanto, como uma área que pertence ao quadro das ciências sociais, abrange todas as áreas do conhecimento, estando dessa forma onipresente no mundo acadêmico. Ainda, se destina a estudar a complexidade das relações humanas em seus diferentes níveis, principalmente na relação comunicativa que estabelecemos e compreendendo o contexto presente em uma mensagem nos diferentes suportes midiáticos.

Durante a graduação estuda-se a mensagem em diversas perspectivas: sociais, culturais, temporais, referenciais, históricas, entre outras. Além de analisar em diferentes visões, estuda-se a relação entre o signo (mensagem) e seu significado, assumindo que todo produto de comunicação possui em si uma representação.

Cabe ressaltar que a comunicação social, no que diz respeito à pesquisa, devido a sua natureza, relaciona-se com outras áreas como: sociologia, antropologia, filosofia, linguística, psicologia, ciência da informação, administração, artes visuais, música e com as artes cênicas. Ela estabelece ligações diretas na maneira como construímos nossa sociedade, por isso diversos problemas sociais a perpassam: pois ela é a representação midiática dos valores e crenças sociais.

Nesse sentido, o racismo usou tal estrutura, assim como outras, para firmar e legitimar-se como mecanismo de opressão contra a população negra. A maneira como os personagens negros foram mantidos por anos subjugados e marginalizados na produção midiática de massas, expõe de forma clara o preconceito ainda existente na sociedade contemporânea. Dessa forma, compreende-se que tal abordagem pode colaborar de maneira significativa para a manutenção da associação da população negra com indivíduos à margem da sociedade, sobretudo uma ligação quase sempre com o tráfico de drogas, violência, escravidão, exploração, miséria e sexualização.

A presente pesquisa investiga a construção de identidades e o impacto na representatividade da população negra gerados após o lançamento do filme “O Pantera Negra”. Compreendendo sua importância simbólica como um blockbuster produzido e estrelado majoritariamente por pessoas negras. Analisando a produção cinematográfica sobre os conceitos metodológicos da análise fílmica, no que o filme apresenta de representação e

conteúdo, não uma análise técnica. Usando também como suporte para esta análise, algumas reportagens veiculadas no canal de notícias do G1.

A proposta apresentada vai percorrer durante os capítulos, uma linha de raciocínio que gira em torno do que se entende por racismo estrutural, ou seja, um sistema de opressão que usa um conjunto de estruturas para se manter como regime sistêmico e hegemônico, que segrega pessoas negras e as impede de alcançar diversos campos sociais. A questão racial, a qual envolve racismo, representatividade e temáticas similares, tem sido tema presente nos TCC's apresentados na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Somente nos últimos semestres destacam-se: Negras! Somos Todas Maju: um estudo sobre representação e racismo no jornal nacional (Mariah Gonçalves), A Cor na televisão: Uma análise da representatividade racial entre os repórteres e apresentadores da Rede Globo e o papel televisivo na construção da identidade negra (Amanda Farias) e Caso Ronaldo De Lima: uma análise do genocídio do negro no jornalismo (Juliano Marchant).

Os capítulos teóricos irão abordar temas como história da África, escravidão, formação da sociedade brasileira, racismo, cultura de massas, identidade e representatividade, com o objetivo central de apresentar um recorte pontual sobre uma doença social que é o racismo e a representatividade negra nos produtos midiáticos, no caso o filme Pantera Negra. Para a melhor compreensão acerca das temáticas, a pesquisa está dividida em 5 capítulos. No segundo capítulo a proposta é apresentar um panorama sobre a situação do indivíduo negro no mundo, fazendo um estudo sobre seu contexto social, envolvendo história da África, escravidão, período pós abolição no Brasil, racismo e representatividade. O terceiro capítulo é dedicado exclusivamente ao filme Pantera Negra, abordando os tópicos do enredo do filme, críticas, informações gerais, representatividade e alguns elementos importantes da narrativa. O quarto capítulo faz a amarração entre a teoria e o que se pretende analisar, descrevendo todo o percurso que será percorrido nesta pesquisa, sinalizando também os métodos utilizados e materiais selecionados, comporta também a análise fílmica em si. O quinto capítulo, vai finalizar a pesquisa trazendo alguns questionamentos importantes sobre a importância do objeto analisado e sobre identidade, lugar de fala e representatividade. Nas considerações finais foi feito um fechamento sobre os assuntos trabalhados, de modo que se consiga compreender a importância e relevância da temática e do objeto analisados.

## 2. NEGRO E O MUNDO

O presente não se explica sem o passado...

Jessé Souza

### 2.1. ÁFRICA, O NEGRO E A ESCRAVIDÃO

#### 2.1.1- HISTÓRIA DA ÁFRICA

Quando se estuda um fenômeno social de grande magnitude como o racismo, é preciso compreender que como tal, ele perpassa por diversas esferas do conhecimento, podendo ser analisado por diferentes perspectivas: sociológica, histórica, antropológica, filosófica e cultural. No entanto, é necessário analisar como ponto de partida sua origem histórica, para melhor contextualizar seu acontecimento no espaço e no tempo.

Ao referir-se a população negra tem-se como associação direta o continente africano e essa referência é em sua grande maioria estabelecida de uma maneira genérica, como se o continente fosse apenas um país, uma única população - singular. Em primeiro lugar é preciso esclarecer que quando falamos de África, estamos nos referenciando a um continente composto por cinquenta e quatro países independentes, com uma imensa pluralidade sociocultural, com milhares de etnias, idiomas e dialetos. Que possui um importante papel no desenvolvimento mundial e na própria evolução do ser humano, servindo como berço da civilização.

Dentre essas últimas, é preciso citar primeiramente a arqueologia, detentora de grande parte das chaves da história das culturas e das civilizações africanas. Graças a ela, admite-se, nos dias atuais, reconhecer que a África foi, com toda probabilidade, o berço da humanidade, palco de uma das primeiras revoluções tecnológicas da história, ocorrida no período Neolítico. A arqueologia igualmente mostrou que, na África, especificamente no Egito, desenvolveu-se uma das antigas civilizações mais brilhantes do mundo. Outra fonte digna de nota é a tradição oral que, até recentemente desconhecida, aparece hoje como uma preciosa fonte para a reconstituição da história da África, permitindo seguir o percurso de seus diferentes povos no tempo e no espaço, compreender, a partir de seu interior, a visão africana do mundo, e apreender os traços originais dos valores que fundam as culturas e as instituições do continente. (MAHTAR M'BOR, M. Amadou, 2010).

Contudo, durante décadas, a história do continente africano foi pouco explorada tendo em vista sua importante contribuição para o desenvolvimento das sociedades modernas, tanto em aspectos materiais (metais, alimentos, especiarias) quanto em termos culturais. Pode-se

supor que essa exploração rasa ocorreu devido a produção intelectual histórica e geográfica mundial ter sido predominante produzida por estudiosos europeus e americanos. O ensino foi passado através do olhar do homem, branco e colonizador, sendo assim um conhecimento centrífugo a respeito da história africana. Fato que também pode ter colaborado para termos poucas personagens femininas nos estudos e livros de história, pressupostos de uma sociedade patriarcal.

Outra exigência imperativa é de que a história (e a cultura) da África devem pelo menos ser vistas de dentro, não sendo medidas por réguas de valores estranhos... Mas essas conexões têm que ser analisadas nos termos de trocas mútuas, e influências multilaterais em que algo seja ouvido da contribuição africana para o desenvolvimento da espécie humana. (J. Ki-Zerbo, 2010).

Dessa forma, a UNESCO<sup>1</sup> (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), desenvolveu uma coletânea intitulada “História Geral da África”. Composta por oito volumes e que somam ao total cerca de dez mil páginas, a obra aborda a história da África desde a pré-história até os anos 1980. Sendo produzida por mais de 350 cientistas de diferentes áreas do conhecimento, sob a direção de um comitê composto por 39 intelectuais, dos quais dois terços eram africanos.

A composição desta obra começou no ano de 1964 e foi finalizada entre os anos de 1980 e 1990, editada primeiramente em Inglês, Francês e Árabe. E posteriormente foi traduzida para o Português devido a uma parceria entre a Unesco no Brasil, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África. As sociedades africanas passavam por sociedades que não podiam ter história... um grande número de especialistas não africanos, ligados a certos postulados, sustentavam que essas sociedades não podiam ser objeto de um estudo científico, notadamente por falta de fontes e documentos escritos.

(MAHTAR M'BOR, M. Amadou, 2010).

A coletânea tem como principal objetivo desmistificar diversas interpretações errôneas acerca da história do continente e de reconstruir a historiografia africana livre de estereótipos

---

<sup>1</sup> agência pertencente a ONU(Organização das Nações Unidas), especializada em ciências; educação; e cultura.

e estigmas do olhar estrangeiro. É marco no processo de reconhecimento do patrimônio cultural do continente, traçando uma narrativa documental do ponto de vista dos próprios africanos. Permite, desta forma, compreender o desenvolvimento histórico dos povos africanos, não por tribos selvagens, como se pensa no senso comum, mas sim como uma região que era constituída por sociedades organizadas, com diversas técnicas e tecnologias utilizadas até hoje.

Se a *Ilíada* e a *Odisseia* podiam ser devidamente consideradas como fontes essenciais da história da Grécia antiga, em contrapartida, negava-se todo valor à tradição oral africana, essa memória dos povos que fornece, em suas vidas, a trama de tantos acontecimentos marcantes. Ao escrever a história de grande parte da África, recorria-se somente a fontes externas à África, oferecendo uma visão não do que poderia ser o percurso dos povos africanos, mas daquilo que se pensava que ele deveria ser. Tomando frequentemente a “Idade Média” europeia como ponto de referência, os modos de produção, as relações sociais tanto quanto as instituições políticas não eram percebidos senão em referência ao passado da Europa. Com efeito, havia uma recusa a considerar o povo africano como o criador de culturas originais que floresceram e se perpetuaram, através dos séculos, por vias que lhes são próprias e que o historiador só pode apreender renunciando a certos preconceitos e renovando seu método. (MAHTAR M’BOR, M. Amadou, 2010).

Esse olhar centrípeto, ou seja, de dentro para fora, permite que sejam preenchidas diversas lacunas presentes no ensino sobre história da África, desassociando a ligação do continente somente com a escravidão, miséria e pobreza. Valorizando assim aspectos importantes da ancestralidade da população negra. No entanto, em um panorama sobre o ensino brasileiro, esse conhecimento não é amplamente divulgado e ensinado nas escolas da mesma forma como é contemplado o ensino sobre a história do continente europeu ou americano. A América, sobretudo o Brasil, Estados Unidos e alguns países da região central, se desenvolveram enquanto nação com a mão de obra escravista, de forma que esses países possuem uma forte herança das populações africanas.

É hoje evidente que a herança africana marcou, em maior ou menor grau, segundo as regiões, as maneiras de sentir, pensar, sonhar e agir de certas nações do hemisfério ocidental. Do sul dos Estados Unidos ao norte do Brasil, passando pelo Caribe e pela costa do Pacífico, as contribuições culturais herdadas da África são visíveis por toda parte; em certos casos, inclusive, elas constituem os fundamentos essenciais da identidade cultural de alguns dos elementos mais importantes da população. (MAHTAR M’BOR, M. Amadou, 2010).

No Brasil, inclusive, existe uma lei<sup>2</sup> que, neste ano de 2018, completou quinze anos desde sua entrada em vigor, assinada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que em

---

<sup>2</sup> Lei Federal Nº10.639 de 9 de Janeiro de 2003.

seu preâmbulo versa sobre “as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’” (Lei Nº10.639/03). E traz ainda em seu caput e parágrafos as seguintes disposições:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como ‘Dia Nacional da Consciência Negra’. (Lei Federal Nº10.639/03).

Contudo, embora exista uma lei específica que obriga as escolas da rede pública e particular a lecionarem a história africana, afro-brasileira e o papel do negro na formação da sociedade nacional, esse conhecimento ainda não foi devidamente posto em prática. Segundo a professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva<sup>3</sup>, essa iniciativa ainda se restringe a ações individuais dos professores, não de uma política pública das escolas e secretarias. Para Petronilha, "É raro, difícil que essa seja uma política das escolas, e que esta [disciplina] conste no plano político-pedagógico das instituições"<sup>4</sup>.

Ainda segundo a professora, na mesma entrevista ela constatou que “Em discussão com o movimento negro, se havia concluído que, para reeducar as relações étnico-raciais de forma a combater o racismo, seria necessário conhecer, estudar, aprender sobre a história e cultura dos povos que vieram da África e sobre a história e a cultura que produzem seus descendentes.”. Pode-se concluir que, em termos de conhecimento histórico, geográfico e cultural, a nossa sociedade americana ainda possui uma dívida com a sua população negra, a qual descende dos escravos e escravas que foram arrancados de sua terra natal. A não-

<sup>3</sup> Professora emérita da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar).

<sup>4</sup> Declaração dada em entrevista, no dia 8 de Janeiro de 2017, ao site de notícias **Brasil de Fato**.

narrativa sobre sua ancestralidade e origem, coloca o indivíduo negro, sem referências no espaço-tempo, afasta a possibilidade de conhecer a qual tribo seus antepassados pertenciam ou de que região da África eles foram arrancados. Costuma-se generalizar os escravos africanos, quando na verdade se sabe que as suas origens eram as mais diversas. O que durante o período da escravidão dificultou para que os mesmos se articulassem entre si, como mostra o trecho abaixo:

Os negros do Brasil foram trazidos principalmente da costa ocidental africana. Arthur Ramos (1940, 1942, 1946), prosseguindo os estudos de Nina Rodrigues (1939,1945), distingue, quanto aos tipos culturais, três grandes grupos. O primeiro, das culturas sudanesas, é representado, principalmente, pelos grupos Yoruba - chamados nagô- , pelos Dahomey- designados geralmente como gegê - e pelos Fanti - Ashanti – conhecidos como mircas- , além de muitos representantes de grupos menores da Gâmbia, Serra Leoa, Costa da Malagueta e Costa do Marfim. O segundo grupo trouxe ao Brasil culturas africanas islamizadas, principalmente os Peuhl, os Mandinga e os Haussa, do norte da Nigéria, identificados na Bahia como negros malé e no Rio de Janeiro como negros alufá. O terceiro grupo cultural africano era integrado por tribos Bantu, do grupo congo- angolês, provenientes da área hoje compreendida pela Angola e a "Contra Costa", que corresponde ao atual território de Moçambique (RIBEIRO, 1995.)

Fazendo uma retomada para os dias atuais, mais especificamente para a sociedade contemporânea brasileira, tem-se observado a crescente busca dos brasileiros por obter cidadania europeia, sobretudo a cidadania portuguesa, como mostra a reportagem veiculada pelo portal de notícias G1 e produzida pelo grupo BBC<sup>5</sup>. Segundo a matéria, “A procura de cidadãos brasileiros pela nacionalidade portuguesa tem aumentado nos últimos anos. Segundo dados fornecidos à BBC Brasil pelo Ministério da Justiça luso, 87.033 cidadanias foram concedidas a brasileiros somente entre 2010 e 2016. A concessão de cidadania por naturalização a netos de portugueses, vedada até 2006, tem intensificado o fenômeno da dupla cidadania entre as antigas metrópole e colônia.”. Acontecimento esse que pode dizer muito sobre a constituição da nossa sociedade enquanto um dos últimos países a abolir a escravidão, muito conhecemos sobre as navegações portuguesas e suas colaborações para a arte barroca ou o legado arquitetônico deixado nas cidades do antigo império, porém pouco se aprende a respeito do legado africano, sobre sua tradição na oralidade, cânticos e técnicas agrícolas. Esse sentimento de “não-pertencimento” do “ser” negro americano corresponde em grande

---

<sup>5</sup> Matéria “Quase 100 mil brasileiros conseguiram cidadania portuguesa desde 2010; saiba como” veiculada no dia 17/03/2017 às 08h27 no Portal de Notícias G1.

parte a negação da sua história e trajetória, de onde são as suas raízes mais profundas, afasta de seus descendentes a possibilidade de se pesquisar seus laços com o continente.

### **2.1.2 - ESCRAVIDÃO - ESCRAVIDÃO NO BRASIL.**

Retomando ao início deste capítulo, quando analisamos um fenômeno social é preciso estabelecer um contexto para poder compreender como de fato se deu a sua ocorrência (sendo fenômeno, um acontecimento, um fato, sem julgamento de mérito). Tratando-se do racismo, precisa-se, antes de qualquer coisa, falar sobre escravidão, focando especialmente na escravidão no continente americano, sobretudo no Brasil, pois ela implicou diretamente na construção do sistema racista estrutural constituído nesse país.

A escravidão que atou, durante cerca de quatro séculos, a África à América, mostrou-se especialmente perversa porque os seus efeitos se prolongaram nos descendentes dos que lhe sofreram a violência. (SILVA, 2018.)

A escravidão é parte fundamental na história do continente americano, principalmente nos países que possuem faixa litorânea com o oceano atlântico, ela se coloca como parte estruturante na construção enquanto nação desses países. Não apenas em termos históricos, mas sim também em termos de herança cultural, social, demográfica e econômica. Segundo o dicionário da Academia Brasileira de Letras<sup>6</sup>, escravidão consiste em um “sistema socioeconômico no qual um sujeito é considerado juridicamente objeto de outro, podendo este dispor livremente da pessoa escravizada”. Ou seja, durante séculos o indivíduo negro foi arrancado de sua terra, levado para um lugar distante, sem sua família, com um idioma diferente do seu, perdeu a sua liberdade e seus direitos enquanto indivíduo autônomo e passou a ser propriedade dos senhores de engenho. Além disso, conforme a sua condição física lhe era atribuído um valor monetário, um preço pela sua existência, marcado de fato como uma mercadoria negociável, um ser humano que passou a pertencer a outro ser humano.

---

<sup>6</sup> Academia Brasileira de Letras, 2º edição, 2008.

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente na linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses.” (RIBEIRO, 1995)

Somando-se a essa estrutura mercadológica da escravidão, hoje, sabe-se ou pelo menos se tem ideia do sofrimento ao qual os negros e negras eram submetidos. Das mais variadas dimensões e esferas, sejam abusos sexuais ou punições físicas, sejam no trajeto dentro dos navios negreiros ou nos deslocamentos do litoral em direção às fazendas de café. Temos uma literatura rica nesse sentido, diversas produções cinematográficas e televisivas abordando a escravidão. Contrapondo o que foi abordado anteriormente quando tratamos de história da África, onde a literatura é de certa forma escassa e invisibilizada. O sofrimento do(a) negro(a) escravo(a) é retratado no trecho abaixo.

Os castigos, no entanto, como observa Katia Mattoso, na obra *Ser Escravo no Brasil*, não se constituíam numa prática diária, nem tinham sempre a mesma intensidade. Estes castigos — imobilização no tronco, açoites, marcas a ferro quente, esmagamento de dedos, corte de orelhas — costumavam ser mais violentos na lavoura, sobretudo nos períodos em que era indispensável o trabalho contínuo, e diante de faltas graves.

(Biblioteca Nacional, 1988).

Darcy Ribeiro vai narrar de forma mais completa a esfera na qual o indivíduo negro estava envolvido durante a escravidão no Brasil. Conferindo na sua descrição uma carga que contempla tanto o sofrimento físico quanto emocional, com uma clareza pode nos elucidar no imaginário de se pensar a quais experiências os negros enfrentavam.

” Sem amor de ninguém, sem família, sem sexo que não fosse a masturbação, sem nenhuma identificação possível com ninguém- seu capataz podia ser um negro, seus companheiros de infortúnio, inimigos- , maltrapilho e sujo, feio e fedido, perebento e enfermo, sem qualquer gozo ou orgulho do corpo, vivia a sua rotina. Esta era sofrer todo o dia o castigo diário das chicotadas soltas, para trabalhar atento e tenso. Semanalmente vinha um castigo preventivo, pedagógico, para não pensar em fuga, e, quando chamava atenção, recaía sobre ele um castigo exemplar, na forma demutilações de dedos, do furo de seios de queimaduras com tição, de tertodos os dentes quebrados criteriosamente, ou dos açoites no pelourinho, sob trezentas chicotadas de uma vez, para matar, ou cinqüenta chicotadas diárias, para sobreviver. Se fugia e era apanhado, podia ser marcado com ferro em brasa, tendo um tendão cortado, viver peado com uma bola de ferro, ser queimado vivo, em dias de agonia, na boca da fomalha ou, de uma vez só, jogado nela para arder como um graveto oleoso.” (RIBEIRO, 1995)

Quando focamos o estudo no âmbito nacional, a escravidão ganha outra dimensão, já que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, sendo esta feita em 1888 pela Lei Áurea, e também por ter sido o maior importador de escravos das Américas, como relata a Biblioteca Nacional, 1988.

O Brasil, em razão de sua dimensão e da ausência de preocupação com a reprodução biológica dos negros, foi o maior importador de escravos das Américas. Estudos recentes estimam em quase 10 milhões o número de negros transferidos para o Novo Mundo, entre os séculos XV e XIX. Para o Brasil teriam vindo em torno de 3.650.000.

(Biblioteca Nacional, 1988)

A escravidão no Brasil teve início segundo os livros de história e relatos, aproximadamente na década de 1530, pelos colonizadores portugueses, em virtude do crescimento das grandes propriedades rurais de monocultura, principalmente a canaveira. A colônia mudava sua característica mercantil para agrícola, devido ao clima tropical. A suposta falta de habilidade dos escravos indígenas para os trabalhos no campo, fez com que a escravidão africana se tornasse o método mais produtivo e rentável aos portugueses. Nas colônias inglesas tentou-se até uma outra forma de trabalho, porém não se consolidou, como aponta o historiador Caio Prado Júnior(1990):

A escravidão torna-se, assim, uma necessidade: o problema e a solução foram idênticos em todas as colônias tropicais e mesmo subtropicais da América. Nas inglesas, onde se tentaram, a princípio, outras formas de trabalho, aliás uma semi escravidão de trabalhadores brancos, os *indentured servants*, a substituição pelo negro não tardou muito.(PRADO JR, 2008).

Gilberto Freyre(1987) retrata essa mudança na conjuntura da colônia portuguesa, como mostra o trecho abaixo:

Cuando em 1532 se organizou econômica e civilmente a sociedade brasileira, já foi depois de um século inteiro de contato dos portugueses com os trópicos; de demonstrada na Índia e na África sua aptidão para a vida tropical. Mudado em São Vicente e em Pernambuco o rumo da colonização portuguesa do fácil, mercantil, para o agrícola; organizada a sociedade colonial sobre base mais sólida e em condições mais estáveis que na Índia ou nas feitorias africanas, no Brasil é que se realizaria a prova definitiva daquela aptidão. A base, a agricultura; as condições, a estabilidade patriarcal da família, a regularidade do trabalho por meio da escravidão, a união do português com a mulher Índia, incorporada assim à cultura econômica e social do invasor. Formou-se na América tropical uma sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de Índio - e mais tarde de negro - na composição.

Posteriormente com as expansões das cidades, a produção agrícola mais variada (café, algodão, fumo) e o minério de ouro, começou-se a ter escravos em outros núcleos da sociedade, servindo como trabalhadores domésticos por exemplo.

Os escravos trabalhavam na agricultura, nos ofícios e nos serviços domésticos e urbanos. Os negros do campo cultivavam para a exportação — atividade que dava sentido à colonização — a cana-de-açúcar, o algodão, o fumo, o café, além de se encarregarem da extração dos metais preciosos. Os negros de ofício especializaram-se na moagem da cana e no preparo do açúcar, em trabalhos de construção, carpintaria, olaria, sapataria, ferraria, etc. No século XIX, não foram poucos os escravos que trabalharam como operários em nossas primeiras fábricas. Quanto aos negros domésticos, escolhidos em geral entre os mais "sociáveis", cuidavam de praticamente todo o serviço das casas-grandes e habitações urbanas: carregar água, retirar o lixo, além de transportar fardos e os seus senhores em redes, cadeiras e palanquins. (Biblioteca Nacional, 1988.)

Cabe salientar que durante o período da escravidão africana nesta terra, aproximadamente entre 1530 a 1888, ocorreram diversos movimentos de resistência dos negros, com a formação de quilombos, revoltas contra os senhores de engenho, fugas e até assassinatos. Tendo alguns desses episódios fixados como acontecimentos históricos na formação nacional, como a Guerra dos Palmares(1695).

Os quilombos, por exemplo, formaram-se em praticamente todas as regiões do Brasil. O quilombo dos Palmares, organizado na serra da Barriga, Alagoas, em 1630, foi o mais importante de todos. Seus milhares de habitantes, os quilombolas, sustentaram a liberdade até 20 de novembro de 1695, quando as forças chefiadas pelo bandeirante Domingos Jorge Velho mataram Zumbi, o último grande líder de Palmares. Em 1835, eclodiu em Salvador a revolta dos malês, o maior e mais bem organizado levante de escravos contra a dominação branca. (Biblioteca Nacional, 1988.)

Outro ponto importante de destacar é que durante esse mesmo período, os negros foram proibidos de realizar seus rituais de religião, de dança e todos os seus costumes nativos, sendo em sua grande maioria catequizados pelos padres católicos portugueses. O que fez com que esse contato do indivíduo com a sua cultura fosse se dissipando conforme as gerações iam mudando, perde-se então, esse laço que por mais subjetivo que fosse, ligava um povo a sua terra.

Além de trabalho, obediência e respeito às leis e dispositivos disciplinares, os senhores exigiam dos escravos fidelidade, humildade e aceitação dos valores brancos. Os negros deviam aprender a língua portuguesa e a religião católica, único bem moral que recebiam dos brancos. Logo que chegavam ao Brasil, os africanos eram batizados e recebiam nomes cristãos, sendo em geral perseguida a prática dos cultos africanos. (Biblioteca Nacional, 1988)

Durante séculos, exercer a sua fé tornou-se ato de (re)existência para os escravos. Ainda hoje, as práticas religiosas de matrizes africanas são alvos de repressão e combate, como o caso do terreiro de candomblé que foi invadido e depredado na cidade de Nova Iguaçu<sup>7</sup> (Rio de Janeiro). Mais à frente, neste estudo, vamos analisar como essas expressões culturais que eram proibidas e que mantinham os escravos ligados no campo subjetivo a uma forma de resistir, acabaram se transformando em elementos da construção da cultura brasileira.

Como já retratado, o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, sendo esta realizada com a Lei Áurea (Lei Imperial n.º 3.353, 13 de maio de 1888) sancionada pela Princesa Isabel. O processo de mudança ocorreu de forma gradual, sendo antecedido pelas Leis Eusébio de Queirós de 1850, Lei do Ventre Livre de 1871 e a Lei dos Sexagenários de 1885. Houve diversos fatores externos que contribuíram para abolição, sendo o principal deles as medidas inglesas, que no primeiro momento proibiram o tráfico de escravos em todas as suas

---

<sup>7</sup> Matéria “Terreiro de candomblé é invadido e depredado em Nova Iguaçu” produzida pelo portal de notícias G1 no dia 08 de maio de 2018 às 16h50

colônias(1807) e após, promoveram a abolição na Inglaterra e nas suas colônias(1833). Somam-se a isso, às pressões impostas ao Brasil, e depois as diversas medidas e tratados que foram assinados para que o Brasil deixasse de usar a mão de obra escrava. Contudo, antes de se pensar na questão humanitária, o interesse inglês com o fim da escravidão possuía um viés majoritariamente econômico, pois estava em curso na Inglaterra a primeira revolução industrial, aumentava-se a produção e com isso era necessário um aumento também no mercado e consumo.

Motivos humanitários é o que não faltavam para se extinguir o tráfico intercontinental de escravos. No entanto, apesar de terem sido amplamente mencionados, "É irrisório pensar que tivéssemos podido, sem o terror do cruzeiro inglês, aniquilar quase que de um golpe o poder do tráfico", como observou Joaquim Nabuco. Os motivos da Inglaterra, que nos séculos XVII e XVIII fora uma das nações mais atuantes neste tipo de comércio, eram essencialmente econômicos. Em suas possessões, no final do século XVIII, havia aproximadamente 800 mil escravos para 150 mil homens livres. Com a revolução industrial, porém, a acumulação de capital passou a ser feita predominantemente na esfera da produção — nas indústrias e nas propriedades rurais modernizadas—, o que conferiu maior importância à produtividade e à ampliação de mercados. O trabalho escravo e as práticas monopolistas tornaram-se anacrônicas.

(Biblioteca Nacional, 1988)

Estudos da Biblioteca Nacional(1988), aborda com uma maior riqueza de detalhes a resistência contra a abolição por parte da elite brasileira, tanto que foi um processo lento e repleto de entraves. No entanto é preciso compreender como se estabeleceu o percurso pós libertação dos escravos, em que condições esses indivíduos negros foram integrados na sociedade, ou melhor, não foram. Essa é uma questão chave para compreender o cenário étnico-racial presente na nossa estrutura de sociedade atual.

Sobre esta os historiadores contemporâneos têm uma opinião praticamente consensual: a abolição, mesmo tendo havido movimentação dos negros, foi um negócio de brancos. Ela tirou o negro da condição de escravo, mas deixou de lado as propostas de abolicionistas como Patrocínio, Nabuco e Rebouças: distribuição de terras para os ex-escravos, assistência econômica e social, acesso à educação, ampliação do direito à participação política, reformas, enfim, que fizessem do negro um cidadão. (Biblioteca Nacional, 1988.)

A luta dos negros que até então era para obter a liberdade plena, passou a ser pela existência. Sem nenhum auxílio ou reparo pelos quase 350 anos de escravidão, os negros foram abandonados à própria sorte, sem nenhuma perspectiva de mutação social: da condição

de indivíduo recém liberto para um indivíduo atuante socialmente, com plenas condições de galgar espaço na sociedade moderna. Essa lacuna criada entre a libertação e a obtenção da cidadania, como o exercício pleno de direitos e deveres, é que sustentou o argumento de que brancos e negros passaram a ser iguais juridicamente. Por outro lado, cabe fazer uma analogia à concepção aristotélica de equidade, abordada no livro “Ética a Nicômaco”, que a grosso modo seria refletir que deve-se tratar os desiguais de maneira desigual e os iguais de maneira igual, para assim obter um sentido de justiça. No entanto, o estado como responsável legal da ordem, deveria após três séculos de escravidão tratar os negros da mesma forma que os brancos? Não haveria nesse hiato uma dívida histórica para com o povo escravo, haja vista que os mesmos foram arrancados de sua terra natal, perderam seus laços culturais, foram explorados durante quase quatro séculos e sofreram todo o tipo de crueldade física e psíquica. Enquanto os imigrantes europeus receberam incentivos fiscais, grandes hectares de terra e tiveram sua inserção menos abrupta.

São Paulo, uma cidade que, na passagem do século, se industrializava e se europeizava, foi um caso típico. Enquanto o imigrante europeu já estava ajustado às regras de mercado de trabalho na sociedade competitiva, o negro não dispunha de tempo para se readaptar e ainda enfrentava o estigma da cor. De "agente privilegiado" do trabalho passou à condição de "negro refugado". A ele, excetuando-se os que tiveram a oportunidade de se qualificar profissionalmente, ainda na sociedade escravista, foram destinados os serviços brutos e braçais nas cidades — os "serviços de negro" — e a economia de subsistência, junto com os brancos pobres, nas roças e fazendas. Na cidade ou no campo, eles foram, em sua maioria, "marginalizados", ficando sujeitos, por isso, juntamente com o resto da população pobre e insatisfeita, à criminalidade, à prostituição, ao alcoolismo e, daí, à rejeição social. (Biblioteca Nacional, 1988.)

Mesmo antes da abolição, surgiram movimentos negros, principalmente a criação de jornais, a chamada imprensa negra, com a finalidade de organizar as lutas raciais e a obtenção de direitos. Após a abolição, os movimentos foram se consolidando e se expandindo pelo território nacional. Se os ideais abolicionistas acabaram esquecidos pela maioria dos que haviam lutado contra a escravidão, o mesmo não ocorreu com os negros conscientes de sua real situação.

Nas primeiras décadas do século, criou-se, particularmente em São Paulo, uma "imprensa negra", preocupada com alguns dos problemas não resolvidos pela abolição e em orientar o comportamento da comunidade negra. A educação foi um de seus principais objetivos: o negro deveria educar-se para elevar-se socialmente, além de evitar o alcoolismo, a boémia e as arruaças.

(Biblioteca Nacional, 1988.)

Tem-se nesse contexto uma emergente busca pela plena cidadania, até os anos 1990 muitas lutas foram para alcançar direitos básicos. Pode-se concluir que a história da luta do negro no Brasil, tem três fases. A primeira que é do surgimento dos movimentos abolicionista, com a defesa da liberdade e o fim da escravidão. A segunda que seria pós abolição e até os anos dois mil que busca ocupar espaços, adquirir e garantir direitos básicos. E a terceira que seria dos anos dois mil para cá, que visa um resgate da história da escravidão e seus personagens, luta por políticas públicas afirmativas (cotas nas universidades e em concurso públicos), representatividade, a busca por espaços na mídia, um estudo maior sobre ancestralidade e as heranças culturais dos escravos e africanos e a partição do negro na formação sociocultural nacional. Algumas características dessas fases se entrelaçam e se relacionam, a busca por direitos ainda é presente nesta terceira fase, porém, o enfoque central é mais evoluído.

O que se busca, em última análise, é a construção de uma história do negro que reflita o seu estar e sentir na sociedade brasileira, condição indispensável para a formação de uma consciência negra. Esta consciência, por sua vez, é essencial à sua participação, juntamente com as outras etnias, na construção da democracia no Brasil. (Biblioteca Nacional, 1988)

### **2.1.3. A CONTRIBUIÇÃO DOS ESCRAVOS PARA A FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA.**

Nos dois tópicos anteriores, foi traçada uma linha de argumento que visa estabelecer um parâmetro histórico e sociológico que futuramente vai ajudar a compreender o racismo como estrutura presente na sociedade brasileira contemporânea. As duas questões chaves até agora foram a não-narrativa sobre a história da África e ancestralidade, e a segunda sobre um olhar de como ocorreu a escravidão africana no continente americano, com enfoque no Brasil. Agora, para melhor alinhar e construir uma base sólida na análise do racismo, e posteriormente na representatividade do negro nos produtos midiáticos é preciso entender

quais foram as contribuições dos negros para a construção social brasileira, enquanto identidade e mestiçagem. Quais foram as heranças culturais, sociais e econômicas deixadas pelos escravos para que hoje o país tivesse esse arranjo de classes e raças.

Todos nós, brasileiros, somos carne da carne daqueles pretos e índios supliciados. Todos nós brasileiros somos, por igual, a mão possessa que o supliciou. A doçura mais terna e a crueldade mais atroz aqui se conjugaram para fazer de nós a gente sentida e sofrida que somos e a gente insensível e brutal, que também somos. Descendentes de escravos e de senhores de escravos seremos sempre servos da malignidade destilada e instalada em nós, tanto pelo sentimento da dor intencionalmente produzida para doer mais, quanto pelo exercício da brutalidade sobre homens, sobre mulheres, sobre crianças convertida sem pasto de nossa fúria. A mais terrível de nossas heranças é esta de levar sempre conosco a cicatriz de torturador impressa na alma e pronta a explodir na brutalidade racista e classista. Ela é que incandesce, ainda hoje, em tanta autoridade brasileira predisposta a torturar sevicar e machucar os pobres que lhes caem às mãos. Ela, porém, provocando crescente indignação nos dará forças, amanhã, para conter os possessos e criar aqui uma sociedade solidária. (RIBEIRO, 1995).

Em termos de herança cultural, hoje, já se tem conhecimento de quão grandiosa foi a colaboração dos escravos para a criação de uma cultura popular nacional. Não desconsiderando as culturas populares brasileiras, de formas regionalizadas, mas em um cenário internacional é perceptível a ligação do Brasil com o samba por exemplo, ou então a MPB ou a Tropicália. Movimentos originados no século passado e que tiveram uma forte influência da musicalidade, em especial a percussão, dos escravos africanos. A capoeira é outro exemplo do legado deixado pelos escravos, uma tradição que mistura música, dança e artes marciais, registrada em 2008 como bem cultural nacional pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e em 2014 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization). A cultura brasileira foi moldada de forma híbrida, sofrendo a influência de diversos povos e etnias, sendo majoritariamente a portuguesa, indígena e africana (não necessariamente nesta ordem), pode-se fazer uma analogia a um mosaico, composto por diferentes peças, com formas e cores distintas mas que compõe uma forma única.

Apesar do seu papel como agente cultural ter sido mais passivo que ativo, o negro teve uma importância crucial, tanto por sua presença como a massa trabalhadora que produziu quase tudo que aqui se fez, como por sua introdução sorrateira mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro com suas cores mais fortes. (RIBEIRO, 1995).

Por outro lado, o Brasil da perspectiva econômica foi construído sobre a produção e exportação de produtos primários, sendo essa produção fortemente dependente do trabalho escravo até o fim século XIX e início do ciclo do café. Após isso, início do século XX, viveu-se aqui um período intenso de imigração de massa, principalmente da Europa (Alemanha, Itália, Portugal) e também alguns grupos vindos do Oriente (Japão), muitos desses imigrantes tiveram um forte aporte por parte do governo para exercer trabalhos na agricultura, com o aporte de terras e incentivos fiscais, o que resultou em um período de intenso crescimento econômico e demográfico. Como já tratado, esses povos estrangeiros, tiveram sua adaptação à sociedade brasileira extremamente mais facilitada do que a população negra recém liberta. Durante séculos a roda da economia nacional girava em torno da mão de obra do negro, o crescimento das produções e da exportação de açúcar e ouro, que no entanto, teve a sua entrada na sociedade dificultada, especialmente no setor econômico. De modo que havia uma grande parcela de pessoas negras para uma baixíssima oferta de emprego, crescimento das cidades e áreas urbanas e falta de moradia. O negro que agora era ex-escravo se vê novamente a margem da sociedade, tratado como um sub-indivíduo.

Para fechar essa análise, falta observar o ponto que vai amarrar toda a construção argumentativa até agora, que é compreender em termos sociológicos a construção dessa sociedade, a qual percorre e sofre alteração das áreas culturais e econômicas. Esse último olhar, permite agrupar todos esses elementos trabalhados até agora.

A noção moderna de “nação” é um processo, como todo processo social, de luta contra ideias rivais. Como toda ideia está ligada a interesses econômicos e políticos de toda espécie, esse tipo de luta é, quase sempre, difícil, lenta, e muitas vezes, sangrenta. No Brasil isso não foi diferente. As guerras e rebeliões intestinas, que durante todo o século 19 rasgaram o país de alto a baixo, testemunham as resistências que a ideia da nova nação teve de enfrentar para se sobrepor aos interesses econômicos e políticos locais de todo tipo. (SOUZA,2009).

Em um cenário pós abolição, imigração em massa de povos brancos, crescimento demográfico e econômico e expansão dos espaços urbanos, começa o surgimento de uma

criação de cultura nacional, uma identidade para unificar as regiões em torno de um sentido comum. Durante toda o século XX cria-se no Brasil um sentimento que dá origem ao que diz o sociólogo Jessé Souza<sup>8</sup>, vai chamar de DNA simbólico do Brasil moderno, o qual ele que seria a elaboração de um conceito de sociedade mestiça e plural étnica e culturalmente. Nesse momento passa-se a ter um outro olhar acerca dos conflitos históricos que marcam a sua criação do país, os ressignificando como traços “positivos” da sua composição, uma concepção de uma nação harmônica com as diferenças.

Como Freyre constrói essa ideia? Sua tese é a de que o Brasil, como parte do horizonte cultural lusitano, realiza aqui, com uma intensidade sem igual no mundo, as virtualidades da “plasticidade” cultural do português.<sup>8</sup> A influência dessa ideia entre nós não poderia ter sido maior. Afinal, ela poderia, essa era (e ainda é) a suposição implícita, ser “comprovada empiricamente” na efetiva cor mestiça que caracteriza o brasileiro não imigrante. Bastaria “olhar” a realidade das ruas do povo brasileiro e mestiço para que sua tese fosse confirmada. Depois, e este é o ponto decisivo, a mistura étnica e cultural do brasileiro, ao invés de ser um fator de vergonha, deveria, ao contrário, ser percebida como motivo de orgulho: a partir dela é que poderíamos nos pensar como o povo do encontro cultural por excelência, da unidade na diversidade, desenvolvendo uma sociedade única no mundo precisamente por sua capacidade de articular e unir contrários. Aquilo que durante um século fora percebido apenas como algo negativo agora passa a ser visto com outros olhos. Para Freyre, o que antes era motivo de vergonha vira razão de orgulho, ser mestiço, agora, passa a indicar virtualidades positivas. Para Freyre, enfim, o mestiço “is beautiful”!...

A negação dos conflitos de toda espécie passa a ser percebida como atributo “positivo”, agora “articulado”, explicitado e desenvolvido como ideia e não, como antes, uma “prática” inconfessável. Está criado o nosso DNA simbólico, o DNA simbólico do Brasil moderno, um conjunto de ideias que legitimam práticas sociais e institucionais de toda espécie que se destinam, em última instância, a retirar qualquer legitimidade do diferente e da diferença, do crítico e da à crítica. A metáfora do DNA biológico, apesar de perigosa pela impossibilidade de mudança, o que não acontece na vida social, é importante para mostrar que sociedades que não se criticam, como a brasileira, efetivamente “naturalizam”, como no caso do DNA genético individual, sua vida social. (SOUZA, 2009).

O que antes era um fator de vergonha, a mestiçagem do branco (português) com os índios e posteriormente com os negros, passou a ser considerado um fator principal da identidade brasileira. Pode-se concluir que a sociedade brasileira constrói a sua identidade cultural sobre pilares híbridos, porém anula-se a história sangrenta de sua construção E de um momento para o outro o Brasil passa a ser uma sociedade onde impera a harmonia entre as raças, sem desigualdades e preconceitos, que não se permite a autocrítica e a auto-observação para analisar seu processo histórico de formação, e dessa forma fazer um *mea culpa*

<sup>8</sup> Usando como base o livro “Casa-Grande & Senzala”(1933) de Gilberto Freyre.

promovendo um amparo social e uma retratação com os povos que derramaram sangue para que esta nação fosse erguida. No campo da imagem, essa construção de harmonia teve um êxito inquestionável, tanto que já pertence ao imaginário coletivo interno e principalmente no imaginário coletivo externo - internacional. Porém, quando nos referimos ao campo prático dessa concepção, nota-se diariamente o quão distante está essa ideia da realidade. Negros e pardos constituem a maior parte da população, entretanto quando analisamos os cenários que compõem a estrutura social percebe-se claramente a discrepância de indivíduos brancos e negros, como por exemplo no judiciário, congresso nacional, universidades, mídias tradicionais, entre outros.

Percebe-se nesta conjuntura, elementos que corroboram para a formação de um racismo estrutural presente na sociedade brasileira, o qual age nas diferentes esferas da organização social. Partindo desde a educação, a falta de acesso à informação e ao conhecimento, invisibilização da história africana e a perda do contato do negro com sua ancestralidade. Perpassando pela economia, a falta de emprego, a mão de obra subutilizada, trabalhos informais, não acesso a crédito e outros. Implanta-se aqui, uma cultura de igualdade racial e étnica no campo simbólico, que na prática segrega pessoas negras, pardas e pobres de exercer a sua plena cidadania, perpetuando-se uma desigualdade social que alimenta outras diversas questões sociais, como violência, tráfico de drogas, prostituição, saúde pública, corrupção, entre outros.

## **2.2. RACISMO: MECANISMOS E SUAS ESTRUTURAS.**

### **2.2.1. O QUE É RACISMO?**

Previamente, faz-se necessário distinguir racismo de preconceito racial. Como seres que vivem e se organizam em sociedade, o preconceito se coloca como característica universal e que atinge ou pode atingir a todos os grupos, seria uma imagem no subconsciente já formada e moldada, não passando pelo lado racional, mas que pode ser quebrada da forma de ideia pré-concebida quando se depara com alguma situação específica. Como por exemplo, um pai que possui preconceito com pessoas homossexuais, mas que ao aceitar e compreender a orientação sexual da filha lésbica, em um processo de conhecimento e esclarecimento, dissolve esse preconceito perante um grupo, diferentemente da homofobia,

que se constitui como um sistema de opressão. Há nesse outro conceito um choque direto do opressor com o oprimido, que pode se manifestar em todos os campos sociais.

Dessa forma, o racismo se constitui como um sistema de opressão de um grupo dominante contra um grupo dominado, com a percepção de raça ou etnia superior ou inferior, o racismo é baseado em uma ideologia de raças. O racismo do branco sobre o negro, no contexto brasileiro e até norte-americano, como algumas teóricas negras abordam, como Angela Davis e Djamila Ribeiro, se trata de um racismo estrutural, como um sistema de opressões que edificam uma estrutura que impede a ascensão da população negra em diversos campos sociais. Ou seja, se trata de um processo mais profundo e enraizado socialmente, consolidado historicamente, que afasta o indivíduo enquanto cidadão de exercer a sua cidadania.

Indo além, o debate sobre racismo no Brasil contribui muito para essa ideia de um sistema de opressão, pois é quase sempre um debate raso e superficial, como se ele se auto regulasse para a sua própria perpetuação como sistema de controle. Pois quando não se traça um debate profundo, contrapondo questões sociais e tencionando o sistema racial existente, esvazia-se de sentido as ideias. Não há, assim, uma violência no campo simbólico do confronto de pensamentos e contribui para que o sistema de opressão se naturalize e internalize na consciência dos indivíduos da sociedade, até mesmo do grupo oprimido.

Agregando a distinção feita entre racismo e preconceito, agora, é preciso pontuar também que no decorrer dos anos entre a escravidão e abolição até os dias atuais, a lógica de sustentação racista sofreu alterações e essa mudança pode explicar esse racismo estrutural. No período de escravidão o argumento que sustentava esse regime, foi produzido por intelectuais e pensadores, que tinham como tese fundamental para explicar a diferença de desenvolvimento dos povos, o perfil fenotípico, a cor da pele e os traços, um racismo científico que acreditava em uma raça pura. Segundo Souza (2017), esse argumento logo teve sua queda, sendo substituído pelo culturalismo, corrente que usa como base principalmente o estoque cultural de um povo para explicar sua trajetória. E que teve a sua era de ouro, sendo disseminada ao redor do mundo no período pós-segunda guerra mundial com a “entronização da teoria da modernização”, que explicava o “porquê de algumas sociedades serem ricas e adiantadas e outras pobres e atrasadas”.

Percebe-se neste momento que todas as formas de opressão vão se moldando e se alinhando, saindo de uma corrente explícita racista para uma corrente implícita, formas

simbólicas de opressão, a diferenciação dos povos deixa de ser a cor da pele e passa a ser cultural. Porém, não se leva em conta que a África teve sua história interrompida pela escravidão, há uma ruptura na ligação do passado com o futuro. A diferenciação dos povos, que mantém a lógica racista, não muda, o único ponto que muda é a maneira como se faz essa diferença, que por ser cultural ela suaviza o racismo, de modo que ele esteja apenas no campo subjetivo.

Há uma hierarquização dos povos, em seres de primeira classe e segunda classe que se enraíza no imaginário coletivo de forma que mesmo os dominados ajam para sustentar essa estrutura. Isso explica o sentimento de inferioridade de muitos brasileiros, até mesmo os brancos, diante dos americanos, ou diante dos europeus por exemplo. Ou então o sentimento que fez durante anos a população negra se sentir inferior a branca, sobretudo em questões físicas e estéticas. É preciso compreender que esse racismo estrutural foi moldado sobre um processo histórico de escravidão. Como vimos nos tópicos anteriores, a sociedade brasileira foi forjada através da opressão contra os grupos que aqui foram escravizados como índios e negros. E que após abolição ficaram sem amparo social, de maneira que durante décadas tiveram sua existência fluida a margem da sociedade. Com isso a população branca adquiriu privilégios que foram construídos sobre direitos, sendo esses direitos tendo sido construídos por sua vez em cima da opressão.

Conclui-se que o racismo é na verdade um sistema de opressão que opera em todos os campos sociais de maneira a subjugar um determinado grupo por sua etnia ou raça em detrimento de outra.

### **1.2.2. A ARTICULAÇÃO DO RACISMO**

Após conceituar o racismo, faz-se necessário estudar como essa estrutura composta por um sistema interligado funciona: como se sucede a sua articulação, qual o seu *modus operandi*, em quais estruturas esse sistema se consolida e como ele se modifica de forma a se perpetuar. Também, é preciso entender que como fenômeno social ele opera tanto de modo explícito na segregação, tanto de modo implícito na opressão simbólica. Como já analisado, no processo histórico de luta dos negros, esse sistema de opressão que se iniciou com a chegada dos primeiros escravos, primeiramente se consolidou de maneira direta, na violência física e na escravização, conjuntamente com formas menos diretas, como o desligamento dos

indivíduos com sua cultura. Depois esse mecanismo foi se modificando de maneira que se tornasse cada vez menos direto, sendo assim mais difícil de se combater, como doenças não diagnosticadas, que assim se tornam impossíveis de se curar.

Como ponto de partida, é preciso compreender que a nossa estrutura social parte de um conjunto de regras físicas e sociais elaboradas por uma elite que detém os meios de produção, os meios de comunicação e também o poder político. E essas regras giram em torno de três elementos: classe, gênero e raça. De maneira que temos como poder centralizador e hegemônico o homem, branco e rico. E esses elementos se misturam e se relacionam entre si, formando assim uma rede de opressão onde quem sofre a maior pressão são as mulheres negras.

Essa organização social, centrada nesses três elementos, gira em torno de um produto final: o capital. Que por sua vez fornece ao seu detentor um poder expresso no campo econômico e simbólico no campo social.

O que tem de ser explicado aqui é como a elite do dinheiro, que detém o capital econômico e, por conta disso, manda na economia, passa a mandar de modo indireto também no mundo social e político pela construção, colonizada pelo dinheiro, da opinião pública. (SOUZA, 2017).

Como os negros saíram da condição de escravos para indivíduos livres e sem apoio nenhum do governo, começa a se criar na sociedade grupos que vivem a sua margem, agindo na tangente. Paralelamente o processo de urbanização e industrialização começa a se intensificar, de maneira que existem indivíduos que não dispõem de recursos para morar perto dos grandes centros e que assim começam a ir para zonas mais distantes, as periferias, ou então para os morros. Somando-se a isso, tem-se uma baixa oferta de emprego, que em geral são vagas para trabalhos manuais e repetitivos, e com remuneração baixíssima. Não se pode esquecer que essa população marginalizada a quem se destina esses empregos, são pessoas recém libertas e que não tiveram oportunidades de estudo ou profissionalização. Dessa forma tem-se o primeiro pilar fundamental do racismo estrutural, a segregação econômica. Em uma sociedade dominada pelo capital, apenas quem o detém pode influenciar a sua organização e ditar as regras do jogo. Segundo Souza, “o ex-escravo é jogado dentro de uma ordem social competitiva, como diz Florestan, que ele não conhecia e para qual ele não havia sido preparado” (SOUZA, Jessé, 2017).

Tem-se então, um grande grupo de pessoas, com baixo poder financeiro, sem escolaridade, distante dos grandes centros e com empregos ainda muito ligados a ideia de servidão. É nesse ecossistema de extrema desigualdade que cresce a sociedade brasileira, são essas relações sociais que vão solidificar o segundo pilar do racismo estrutural, o pilar social.

A submersão na lavoura de subsistência ou a formação das favelas nas grandes cidades passam a ser o destino de uma configuração de classes que marcaria a modernização seletiva e desigual brasileira de então. (SOUZA,2017).

Quem vai melhor descrever essa mudança social é Florestan Fernandes<sup>9</sup> (1995) que analisa esse grupo de libertos na inserção social da cidade de São Paulo. Jessé Souza<sup>10</sup> (2017) também apresenta alguns pontos importantes da formação da organização social brasileira.

Para o negro, sem oportunidade de competir com chances reais na nova ordem, restavam os interstícios do sistema social: a escória proletária, o ócio dissimulado ou a criminalidade fortuita ou permanente como forma de preservar a dignidade de “homem livre...O negro torna-se vítima da violência mais covarde. Tendo sido animalizado como tração muscular em serviços pesados e estigmatizado como trabalhador manual desqualificado - que mesmo os brancos pobres evitam -, é exigido dele agora que se torne um trabalhador orgulhoso de seu trabalho. (SOUZA, 2017)

Para finalizar, e fechar assim o triângulo equilátero que forma a base principal da estrutura racista, temos o desvalorização da cultura negra. No início e meados do século XX, tem-se uma necessidade de modernização e avanço social que busca o “progresso” que estabelece como parâmetro o continente europeu. De forma que até mesmo as expressões culturais que não fossem condizentes com os padrões eurocêntricos eram alvos de intolerância. A cultura negra que sobreviveu e se reconfigurou no período da escravidão, novamente era posta como algo ofensivo e desqualificado, desprovido de valor.

Como aspecto adicional que contribui para o desajustamento social que se consolida a partir desse período, com efeitos até hoje, há que se lembrar do cerceamento das expressões culturais do negro. Elas passam a ser percebidas como expressões do tosco e do primitivo que a nova autoimagem cidadina europeizante procurava expurgar. (SOUZA 2017)

---

<sup>9</sup> No livro *A integração do negro da sociedade de classes*(1978).

<sup>10</sup> No seu livro “*A elite do atraso. Da escravidão á lava-jato*”(2017).

Tem-se assim a formação desta estrutura racista, que tem como três pilares principais os campos econômico, social e cultural, mas que vai se ramificando em todos os outros campos sociais como forma de se solidificar ainda mais. Todas essas formas de segregação que vimos se mantém ainda hoje, mesmo com políticas públicas afirmativas, como as cotas nas universidades e no concursos públicos, a inserção mais constante dos negros no mercado de trabalho e em empregos mais bem remunerados, sobretudo da mulher negra, o racismo ainda é um dos principais problemas sociais do Brasil. Foram quase quatro séculos de escravidão e apenas um pouco mais de um de liberdade, e que a grande mantenedora desse sistema são as instituições.

Outro fator que perdura até nossos dias é que o medo dos escravistas da “rebelião negra” se transforma e é substituído pela definição do negro como “inimigo da ordem”. Sendo a “ordem” percebida já no seu sentido moderno de significar decoro, respeito à propriedade e segurança. Vem daí, portanto, o uso sistemático da polícia como forma de intimidação, repressão e humilhação dos setores mais pobres da população. Matar preto e pobre não é crime desde essa época. (SOUZA, 2017.)

A verdade é que o racismo estrutural moldou a formação do indivíduo negro brasileiro, que teve seu crescimento enquanto “ser” afetado direta ou indiretamente por esses sistema de opressão. De maneira que não apenas o seu lado material fosse acometido, mas principalmente o lado imaterial. Quando nos referimos ao lado emocional da luta dos negros, temos que levar em consideração que a nossa cultura foi durante todos esse tempo renegada, vista como sem valor, como o samba e o funk. E que somando-se a isso, tivemos um desligamento com os nossos antepassados, com a história africana e suas tradições. Outro ponto importante é que durante todo esse período trabalhado até aqui, nós tivemos a criação de uma cultura de massas produzidas por meios de comunicação, que traçou como padrão hegemônico expressões e elementos da população branca. Que vão desde os padrões estéticos, a história de antepassados, musicalidade, romances literários e filmes.

O não-pertencimento do negro brasileiro fez com que sentíssemos um grande espaço no subconsciente quando pensamos em trajetória e origem. Pois fomos expostos a toda essa cultura massiva a qual não éramos representados e que por querer pertencer, tentamos muitas vezes nos adequar aos padrões, o que gerou graves problemas emocionais e existenciais. Como relata Fanon<sup>11</sup>(1961).

---

<sup>11</sup> Franz Fanon em seu livro “*Pele Negra, Máscaras Brancas*”(2008).

## **2.3. ESTEREÓTIPOS E ESTIGMATIZAÇÃO DO NEGRO NAS PRODUÇÕES MUDIÁTICAS**

### **2.3.1. COMUNICAÇÃO E CULTURA MUDIÁTICA/MASSA**

Até abordar o objeto central deste trabalho faz-se necessário compreender toda a estrutura que o envolve para que se possa quantificar a sua importância material e simbólica. O estudo sobre o termo “cultura” teve grandes colaborações a partir do século XIX, e continua sendo posto em debate principalmente nos campos da comunicação, sociologia e filosofia. Ainda mais depois do processo de globalização e o advento da web, que proporcionou uma nova constituição mundial em termos culturais. Porém, antes da internet, com a expansão do rádio e logo após a televisão, juntamente com a massificação dos jornais, percebeu-se um elemento chave da estrutura social, a comunicação. Que deixa de ser uma ligação entre pessoal e passa a ganhar grandes proporções, as vozes se multiplicam exponencialmente, de maneira que um determinado grupo passa a poder falar para uma cidade inteira, ou um país, ou hoje, o mundo.

Nessa trajetória, não muda apenas o ato de se comunicar, mas sim também o que está sendo comunicado, como está sendo comunicado, e pra quem está sendo comunicado. Contudo, o importante a ser abordado e conceituado neste tópico é o termo cultura de massa e cultura midiática, elencando conceitos que facilitem a interpretação sobre o filme “O Pantera Negra”, o compreendendo como um produto midiático que simboliza e representa algo.

Aqui, no entanto, não cabe o julgamento de mérito a respeito da cultura de massa, nem as críticas de Adorno(1969) nem dos defensores desse conceito. Irá se tratar apenas como um elemento real da nossa estrutura social moderna. Portanto, cultura de massa refere-se a um conjunto ideológico de elementos, identidades, imagens, atitudes e expressões que são sustentadas por uma indústria cultural para atingir um grande público visando uma unificação de visão de mundo, com intuito de estimular o consumo e o entretenimento. Sendo a indústria cultural formada pelos meios de comunicação de massa como televisão, jornal, cinema e rádio, a ideia é compreender como um determinado grupo, em função do interesse em gerar um aumento no consumo ou propor uma visão de mundo, permeia no imaginário coletivo uma ideia, um costume, uma cultura, capaz de interferir na organização social da sociedade.

Cabe ressaltar aqui, que até a configuração atual da nossa sociedade, essa comunicação que introjetava essa cultura de massa tinham uma configuração técnica vertical:

meios de comunicação - público. Mas que agora com as redes sociais e a abertura e democratização dos processos midiáticos essa configuração técnica já se dá de maneira horizontal. Mas a forma como criamos nossas crenças e identidade, principalmente, se deu através desse mecanismo vertical.

A lógica seguida pela cultura de massa é a mesma lógica do sistema econômico capitalista, aliás essa cultura de massa é propriamente uma característica inerente ao sistema capitalista, está traçada no seu DNA. Portanto, ela visa ampliar o consumo, no seu sentido mais amplo, abrangendo tanto do ponto de vista financeiro como no ponto de vista do verbo consumir. De modo que a sua concepção está alinhada a uma lógica mercadológica. Ela está inserida em todos os níveis de relações humanas modernas, presente no cotidiano das famílias e instituições. Não há porém, como afirmar que ela age de maneira uniforme e impositiva perante os indivíduos, caracterizando-os como uma massa acrítica. Mas também é preciso reconhecer que ela possui em maior ou menor grau influência no nosso dia a dia.

A sociedade funciona como um organismo vivo, que se adapta às transformações e vai se modificando conforme o habitat. É crucial verificar que assim como o corpo humano, todos os acontecimentos sociais em grandes escalas vão se relacionando entre si, de modo que a cultura de massa é um produto da indústria cultural, e essa indústria é mantida por uma elite que detém os meios de comunicação, que por sua vez detém também do capital, poder político e poder simbólico perante os outros grupos. O ponto que pretendo chegar é, no contexto social do século XX no Brasil, a ideia era de progresso: transportar o país da era colonial para a industrial, criar uma identidade de um país que superou suas dificuldades e que se encaminha para o futuro. Que antes criminaliza a mestiçagem, a cultura vinda do negro e dos índios, mas que depois a incorpora para criar uma identidade nacional. É nesse contexto que a cultura de massa se insere neste trabalho, como um sistema que incorpora outras culturas com a finalidade de criar uma identidade unificada nacional para gerar consumo de seus produtos, assumindo assim um papel hegemônico no campo cultural.

E quando toca-se nesse processo de ressignificação da identidade nacional, estamos falando da criação de diversos produtos midiáticos que tem como objetivo retratar essa suposta realidade diversa e mestiça. Em especial podemos citar como exemplos as telenovelas e os programas jornalísticos da rede Globo com enfoque na diversidade racial e étnica brasileira. A cultura de massa tem papel fundamental na construção da sociedade brasileira e na sua organização, formação de crenças e pré-conceitos. O passo a ser dado agora é verificar

qual foi o papel do negro nessas obras produzidas pela indústria cultural, como se dá sua representação e qual foi o recorte utilizado. Levando em consideração que esses produtos culturais interferem na nossa concepção de mundo, podem colaborar para formamos opiniões a respeito de determinado assunto ou de um grupo, é através da cultura que compreendemos o que está ao nosso redor, da mesma forma que nos ajuda a interpretar os signos e símbolos pelos quais nos comunicamos.

Consequentemente é importante analisar qual a representação do negro nos produtos midiáticos e culturais como retratos de uma sociedade que possui um racismo estrutural. E que a maneira como esse recorte é feito permite que façamos suposições sobre suas correlações. A representação do negro nos produtos midiáticos contribui para a manutenção do racismo ou essa representação é um dos mecanismos usados para a estruturação do racismo? Ou então uma terceira proposição, de que ambos se correlacionam entre si e vivem amparados um no outro.

### **2.3.2. A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO: SEUS ESTEREÓTIPOS E ESTIGMAS.**

Quando vamos pensar sobre qual foi, ou é, a representação do negro nas produções audiovisuais culturais de massa (telenovelas, filmes, publicidade), essas que fazem um recorte da imagem social, temos que entender de qual lugar é feita essas representações, esse olhar está produzido e direcionado por quem e sobre quais perspectivas. O grosso dessas produções que vão retratar o negro, não foi, justamente, produzida por outro negro, é quase sempre um olhar estrangeiro e estranho. Essas narrativas são criações feitas a partir de um senso comum caracterizado pelo racismo. A construção da identidade desse próprio indivíduo negro não foi criada por ele, portanto possui uma verdade intrínseca pouco condizente com a verdade real - multifacetada e plural do negro norte-americano.

Viu-se que durante muitos anos o racismo se moldou em torno de uma teoria científica que diferencia os indivíduos por seu fenótipo, ou seja, o negro possui características que lhe são comuns, como: nariz e boca grande, carnosas, pele rígida, cabelo com textura e corpos volumosos, por exemplo. Essa concepção mudou na teoria, porém no processo histórico brasileiro que queria se aproximar da realidade europeia, vemos uma tentativa de

embranquecer a sociedade, essas características negras precisavam ser suavizadas, como aponta Nascimento<sup>12</sup> (1978).

Para a solução dêste grande problema- a ameaça da "mancha negra" -já vimos que um dos recursos utilizados foi o estupro da mulher negra pelos brancos da sociedade dominante, originando os produtos de sangue misto: o mulato, o pardo, o moreno, o pardavasco, o homem-de-côr, o fusco....

(NASCIMENTO, 1978)

A imagem do negro foi desde o período da escravidão até um tempo depois da abolição, associada a animalização, perde-se então a sua observação como um ser humano provido de alma e consciência. Primeiramente, temos uma animalização que é usada como roda manual da industrial, de fazer todo o serviço braçal e desgastante. Tem-se também o uso como objeto sexual, as mulheres negras em maior quantidade, mas também alguns homens negros que serviam para satisfazer os desejos das senhoras da casa grande. Essas imagens simbólicas vão se perpetuando e se consolidando no imaginário coletivo, que mais tarde vão se agregar a elas, uma imagem do negro como o malandro - boa vida -, por exemplo.

Devido a um conjunto de fatores que formam o contexto histórico do negro brasileiro e também o americano, a sua representação em produtos de comunicação audiovisual foi em sua imensa maioria ligada ao sexo, pobreza, favela, tráfico, violência, marginalidade, servidão (empregados domésticos) e pouca afetividade. Esses produtos fazem parte de uma lógica da cultura de massa que ajuda, como disse antes, a moldar no subconsciente dos indivíduos pertencentes a essa sociedade, estereótipos e estigmas de um determinado grupo, nesse caso da população negra. E essas construções no imaginário vão ao passar do tempo se consolidando cada vez mais, de maneira que sempre que há algum negro em alguma das situações citadas, há uma ligação entre o estereótipo criado e um caso real, porém não se analisa o indivíduo como separado, associa-se diretamente a todo o grupo. Não há um afastamento temporal para se compreender que essa imagem não retrata expressamente uma realidade, nem que foi criada sem base verídica, essa imagem é fruto de um processo histórico e social de segregação racial, essa imagem faz parte de uma estrutura cultural e social que mantém o racismo.

---

<sup>12</sup> Abdias do Nascimento(2011) no seu livro “*O genocídio do negro brasileiro*” (1978).

E essa imagem estereotipada não é fruto somente da cultura de massa e de seus produtos, pois ela retira do cotidiano situações para que possam fazer ligações afetivas da vida com produtos, criar uma intimidade. O que precisa ficar claro é que a construção dessas imagens está sobretudo nas instituições, como família, mercado de trabalho, escolas e espaços públicos. E essa compreensão se torna mais palpável com exemplos simples, como a repetição de piadas que ligam o negro a roubo, que são tão repetidas em microambientes como a família mas que se tornam tão difundidas socialmente que atingem macro ambientes como a internet. A cultura de massa cria essas identidades perante acordos socialmente aceitos de características de um determinado grupo, pois há que ter uma ligação do representado com o representante para que haja um processo de identificação e aproximação. O ser humano é por natureza sociável, de forma que a nossa existência precisa ser validada para que haja nela um sentido, sendo assim as instituições possuem um papel essencial para que ocorra em larga escala essas validações. São elas que fortalecem crenças e conceitos, de maneira que mudar uma construção validada por essas instituições é um processo gradual e longo, pois demoraram muito tempo para serem construídos, levando muito mais para serem rompidos.

#### **2.4 - A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA PELA MÍDIA.**

Para finalizar este capítulo vamos elucidar como esses estereótipos e estigmas criaram a imagem da população negra através dos produtos midiáticos audiovisuais. O ser humano, evoluiu as suas relações sendo mediadas por associações e convenções, ou seja, o idioma é uma convenção social que estabelece uma forma de comunicação que é compreendida dentro de um grupo que fala o mesmo idioma, porém, não é restrita a somente aquele grupo, são códigos que podem ser aprendidos por pessoas de fora do grupo. Claro que essa poderia ser uma análise muito mais complexa, mas para a nossa comparação serve esse exemplo, o importante é perceber como nós nos relacionamos com o mundo e com as outras pessoas. Temos uma série de códigos que são traduzidos de diversas formas, como cultura, idioma e conhecimento, que possibilitam a nossa interação com o externo, são convenções para que haja uma interação e comunicação entre nós. O que pretende-se iluminar aqui, é o pensamento que para nos relacionar precisamos fazer associações, algo que a semiótica vai aprofundar mais e que traremos mais a frente neste trabalho, para mediar as interações. Sendo assim,

como a imagem do indivíduo negro foi criada? Quais foram as associações feitas para a criação dos estereótipos?

Como já dito, a imagem produzida nesses produtos midiáticos audiovisuais são um recorte social, portanto a imagem do negro é a do indivíduo com baixa escolaridade, com traços físicos marcantes, de periferia, trabalho ligado a servidão ou então um indivíduo marginal, violento e com instintos animais. A cinematografia brasileira cabe como exemplo dessa imagem, temos uma gama enorme de filmes que retratam o negro nesse cenário, como: Tropa de Elite (2007), Cidade de Deus (2002), Cidade dos Homens (2007), A Última Parada 174 (2008), Carandiru (2003), entre outros. São filmes importantes que retratam uma desigualdade racial e acontecimentos marcantes, mas por outro lado, quando vamos analisar filmes de romance ou comédia que fizeram sucesso nós não temos produções que retratam o negro, como: Até que a sorte nos separe (2012), Se eu Fosse Você (2006), De pernas pro Ar (2010). Percebe-se a ligação do negro sempre com a marginalidade, a não afetividade, o mesmo acontece quando analisamos as propagandas e as telenovelas brasileiras.

Essa imagem criada do negro, esse recorte baseado no preconceito, afeta diretamente a população negra, que não é representada, que cresce sem uma referência desvinculada da já criada. Principalmente as crianças, que estão em processo de formação da base psicológica e aprendendo a compreender os signos e símbolos. Quando uma criança negra assiste desenho onde só aparecem crianças brancas, que no intervalo só aparecem comerciais com crianças e brinquedos brancos, filmes com pessoas brancas, ela perde o referencial e não constrói uma autoimagem que a valorize. A cultura de massa impôs durante décadas padrões de beleza, padrões estéticos, que variam na forma, porém sempre opostos ao do negro. A maneira como vamos nos relacionar com o mundo também é afetada, pois de certa forma internalizamos essas imagens na criação da nossa identidade enquanto grupo.

“A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura(ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito a estrutura.”

(HALL, 2006, pg 12)

Uma vez que essa imagem se internaliza no imaginário coletivo, ela altera todas as relações sociais e em todos os campos, pois modifica a percepção do sujeito. Forma-se assim um ciclo vicioso que gira em torno de um racismo estrutural que marca nossa sociedade. Ela se coloca como impedimento simbólico na alteração da estrutura de classes e acentua a desigualdade social. Também favorece para que negros não consigam vagas de empregos, sejam impedidos de frequentar determinados ambientes, o genocídio de jovens negros e periféricos, a sexualização e a objetificação do corpo negro feminino. Esses estereótipos e estigmas, ajudam a manter o racismo, agem como elemento de ligação entre as bases sólidas do triângulo estrutural.

Como contraponto a isso, nos últimos anos vem-se notando uma mudança de paradigma, uma crise das identidades já padronizadas por assim dizer, devido ao processo de globalização e transculturação. A maneira como o mundo sempre se organizou, as culturas, a estrutura social, entraram em tensão como as novas formas de se organizar, com a internet e a conexão rápida com várias partes do mundo, mudou a forma de se comercializar e de adquirir informação. A mesma cultura de massas que ajudou a manter o racismo, nesse momento começa a criar mecanismos que vão ajudar a ir minando suas bases.

“...as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno...A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas.”

(HALL, 2006, pg 7).

Claro que essa mudança é um conjunto de fatores que vão se alterando para propiciar essa transformação social, mas no campo da comunicação e da representação, podemos analisar que a internet e mais recentemente as redes sociais estão abrindo um espaço para vozes que antes não tinha lugar de fala, vozes que eram silenciadas. Com um número maior de negros nas universidades, a procura e expansão de obras de pensadores negros - a divulgação desse material, um estudo mais aprofundado sobre o processo de escravidão, a luta por direitos iguais, luta por representatividade, movimentos sociais organizados e políticas afirmativas, possibilitou que o corpo negro fosse ocupando espaços que eram seus por direito, mas que o racismo estrutural houvesse segregado.

Com o processo de descentralização dos meios de comunicação, há um rompimento parcial da hegemonia simbólica estruturante, abrem-se caminhos alternativos para difundir narrativas plurais sobre identidades, há um processo de empoderamento de grupos até então oprimidos por uma sociedade patriarcal machista, racista, xenofóbica e homofóbica, que girava em torno do homem, branco e rico. Esses grupos lutam para construir as suas identidades fora dos padrões já consolidados, mudando a organização social, buscando por maior espaço no debate público, afirmando seu papel como cidadão ativo. Se afirmando em um passado de muita luta, valorizando as pessoas que vieram antes e dando continuidade as suas causas, mas com novas ferramentas.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido localizações como indivíduos sociais. (Stuart Hall, 2006, pg 9)

Portanto, em um olhar geral, podemos notar que a identidade negra no Brasil, está em processo de mudança e ressignificação. No país que foi o mais tarde a abolir a escravidão e que tem um encarceramento em massa da população negra, e também um genocídio da juventude negra, esse processo de busca pela identidade e da representatividade, soma-se a luta pela vida. A população negra está ocupando espaços de pensamento como a universidade, criando produções próprias valorizando seus antepassados, proporcionando novas narrativas sobre sua história, ganhando visibilidade nos produtos midiáticos, como canais do Youtube para debater questões da negritude, como: autoestima, empoderamento, feminismo negro, masculinidades, dicas de beleza, casos de racismo, entre outros. Hoje, mesmo que haja uma forte resistência, temos uma maior representatividade nos produtos publicitários. A representatividade é uma parte pequena de todo o processo de desigualdade social e segregação racial causadas pelo racismo estrutural, mas é uma parte que possui uma força simbólica enorme. É a ligação do indivíduo com o mundo, a valorização dos seus ancestrais, é a sua afirmação enquanto cidadão. Invisibilizar a cultura, a identidade e os costumes de um grupo é negar a sua existência enquanto seres humanos.

### 3. PANTERA NEGRA

Só me joguem no mar, como meus ancestrais que pulavam dos navios, pois sabiam que morrer era melhor do que viver preso.  
Erik “Killmonger”. Pantera Negra

#### 3.1. O FILME

##### 3.1.1. INFORMAÇÕES GERAIS

O filme “Black Panther”, com tradução para o português “Pantera Negra”, é uma obra do universo de super heróis da Marvel, lançado no ano de 2018, primeiramente nos Estados Unidos com a pré-estreia no dia 29 de janeiro no Dolby Theatre, em Hollywood, e posteriormente no Brasil no dia 15 de fevereiro. O filme foi produzido pela Marvel Studios e Walt Disney Pictures, e distribuído pela Walt Disney Studios Motion Pictures. Foi dirigido por Ryan Coogler, diretor e roteirista norte-americano, que também já dirigiu o sétimo filme da franquia de sucesso do lutador “Rocky”, Creed (2015). O roteiro foi uma parceria de Joe Robert Cole com o diretor Ryan Coogler, e a produção de Kevin Feige. O elenco principal conta com grandes nomes do cinema hollywoodiano, como: Chadwick Boseman, Michael B. Jordan, Lupita Nyong'o, Forest Whitaker, Daniel Kaluuya, Angela Bassett, Danai Gurira, Martin Freeman e Andy Serkis.

Assim como os seus similares, o filme foi baseado nas histórias em quadrinhos produzidas pela Marvel Comics. O personagem foi criado e desenvolvido pelo escritor e editor Stan Lee e pelo escritor e ilustrador Jack Kirby, tendo sua primeira aparição em *Fantastic Four #52* (julho de 1966) e sendo o primeiro super-herói com descendência africana. O seu nome, no entanto, é anterior a fundação do Partido dos Panteras Negras, criado Outubro de 1966 pelos revolucionários Bobby Seale e Huey Newton, partido que teve papel fundamental na luta racial dos Estados Unidos e que se tornou um símbolo da resistência negra. Embora ambos fossem contemporâneos, o seu co-criador Stan Lee negou que a sua criação tivesse alguma ligação com a luta política, inclusive o nome do herói chegou a mudar temporariamente para leopardo negro (*Black Leopard*), porém logo voltou ao nome original.

Até começar a sua efetiva produção e gravação que ocorreram entre janeiro e abril do ano de 2017 nos estúdios EUE/Screen Gems e Pinewood Studios em Atlanta, Estados Unidos, e em Busan, na Coreia do Sul, a produção do filme passou por diferentes diretores e produtores. O projeto teve a primeira intenção de produção com Wesley Snipes em 1992 e ao

longo do tempo foi sofrendo várias alterações, mudança de studios e distribuição até que chegasse às telas no ano de 2018.

Segundo o site americano “Box Office Mojo”, que mostra a receita das bilheterias, o filme teve uma arrecadação de aproximadamente US\$ 1,3 Bilhão ao redor do mundo, sendo o segundo filme mais rentável do ano, ficando atrás somente de Vingadores: Guerra Infinita (Avengers: Infinity War). O seu sucesso não foi apenas medido em questões monetárias, mas sim também em questões sociais de representatividade do homem negro e da mulher negra. Justamente por isso, este capítulo terá como enfoque central apresentar a narrativa, seus personagens, os cenários e algumas questões levantadas pela obra, para que depois possamos fazer uma análise da sua repercussão nos veículos de comunicação tradicionais e alternativos. E também fazer uma análise de conteúdo e tentar compreender a sua importância simbólica como peça de comunicação de massa.

### 3.1.2 - PERSONAGENS

**TABELA 1**

Ator	Personagem
Chadwick Boseman	T'Challa / Pantera Negra
Michael B. Jordan	N'Jadaka / Erik "Killmonger" Stevens
Lupita Nyong'o	Nakia
Danai Gurira	Okoye
Daniel Kaluuya	W'Kabi
Letitia Wright	Shuri
Winston Duke	M'Baku
Angela Bassett	Ramonda
Forest Whitaker	Zuri

Andy Serkis	Ulysses Klaue
Martin Freeman	Everett K. Ross

### 3.1.3 - O ENREDO

Há milhões de anos um meteoro com vibranium, metal mais precioso do universo, atingiu o continente africano e afetou parte da sua vida vegetal. Com a era dos homens, essa região afetada foi ocupada por cinco tribos que se uniram e chamaram o lugar de Wakanda. As cinco tribos viviam em guerra entre si, até que um guerreiro xamã teve uma visão da Deusa Pantera Negra que o levou até a Erva Coração, uma planta afetada pelo vibranium. Após ingerir a planta, que lhe deu velocidade, instintos e força sobre-humanos, o guerreiro tornou-se o primeiro Rei de Wakanda, além de ser o Pantera Negra, o protetor da região. Porém, das cinco tribos, quatro aceitaram viver sob a governança e proteção do rei, e uma rejeitou, os Jabari, que se isolaram nas montanhas. As tribos se desenvolveram enquanto civilização e começaram a produzir tecnologias extremamente evoluídas e complexas em relação ao mundo exterior, avanços possibilitados devido a substância do vibranium. Enquanto a nação se desenvolvia, o mundo era atingido pelo caos, pelas doenças, guerras e crises, de forma que para proteger a sua substância os wakandianos resolveram esconder seu poder construindo toda sua nação abaixo de uma floresta densa e das fazendas, onde ninguém sem ser os nativos poderiam ter acesso.

A trama se inicia com o Rei T'Chaka fazendo uma visita a seu irmão N' Jobu em Oakland, na Califórnia, no ano de 1992, o Rei conta a seu irmão que o traficante do mercado negro chamado Ulysses Klaue conseguiu roubar uma quantia de vibranium de Wakanda. N' Jobu havia sido enviado para os EUA como um cão de guarda, uma espécie de espião. O Rei diz que Ulysses Klaue sabia onde estava o vibranium, de forma que somente alguém de dentro poderia ter ajuda-lo, assim T'Chaka acusa N'Jobu de auxiliar o traficante com o roubo de vibranium do Reino Wakanda. Após negar que tenha ajudado, o parceiro de N'Jobu revela que ele também é um espião disfarçado, chamado na verdade Zuri, e confirma as suspeitas de T'Chaka, o Rei então diz que o irmão irá ser levado para ser julgado pelo conselho wakandiano por seus crimes.

Depois dessa cena do passado, o filme retorna aos dias atuais, após a morte do Rei T'Chaka em um atentado na ONU, o seu filho mais velho o príncipe T'Challa volta a

Wakanda para assumir o trono. Antes disso, ele e Okoye, a General e líder do grupo de guarda-costa reais Dora Milaje, extraem Nakia de uma missão secreta na floresta de Sambisa, na Nigéria, para que ela possa participar da cerimônia de coroação, Nakia é ex-namorada de T'Challa. Na cerimônia, estão presente os outros líderes das tribos que constituem Wakanda, conjuntamente com a Rainha-mãe Ramonda e a sua irmã mais nova Shuri. Durante a cerimônia, o conselheiro Zuri, questiona se alguém desafiaria o príncipe T'Challa para assumir o trono de Rei e o posto de Pantera Negra, os líderes presentes se abstiveram, no entanto, o líder da tribo Jabari, M'Baku, resolve aceitar o desafio pela coroa no combate da tradição, que seria até a morte ou desistência. T'Challa derrota M'Baku e convence-o a se render ao invés de morrer, argumentando que sua tribo precisaria do líder vivo. Em um ritual tradicional após o desafio, T'Challa tem um encontro com seus ancestrais e conversa com seu pai sobre o futuro de Wakanda.

Em Londres, Ullysses Klaue e Erik Stevens roubam do museu da Grã-bretanha um artefato de Wakanda, que contém vibranium. Com a notícia do roubo, o conselho de Wakanda se reúne e o agora Rei T'Challa decide ir atrás de artefato e tentar capturar Klaue para que o mesmo fosse levado a julgamento. W'Kabi, o líder da tribo que protege as fronteiras do país e companheiro de Okoye, pede ao amigo T'Challa que mate ou traga Klaue de volta, pois ele havia matado seus pais durante o primeiro ataque em que roubou vibranium de Wakanda. T'Challa, Nakia e Okoye saem em missão com a intenção de recuperar o material roubado e capturar o traficante, viajam então para a cidade de Busan, na Coreia do Sul, onde o traficante iria vender o material a um americano. Ao chegar lá, T'Challa descobre que o americano que iria comprar se tratava de um conhecido da CIA, o agente Everett K. Ross. Ao detectar a presença de wakandianos, os seguranças do traficante iniciam um tiroteio e Klaue consegue fugir, mas após uma perseguição ele é pego por T'Challa com a ajuda de Ross. Sob a custódia da CIA, Ross interroga Klaue sobre a origem de um armamento super potente e altamente tecnológico que usava no braço, o traficante diz então que a imagem internacional de Wakanda é puramente de fachada, que contrariando o antigo Rei T'Chaka, ele havia roubado apenas uma ínfima parte do vibranium do país e que eles não eram pobres como aparentava, mas sim uma sociedade com tecnologias avançadas. Então Erik e sua equipe invadem o esconderijo e após troca de tiros, onde o agente Ross acaba sendo gravemente ferido ao proteger Nakia, conseguem salvar Klaue. T'Challa resolve levar o agente Ross para Wakanda, onde poderia salvá-lo com a tecnologia do país. Enquanto isso Erik revela a Klaue que se trata

de um wakandiano, filho de N'Jobu e portanto pertencente a família real, Erik então mata o traficante e o leva até a fronteira de Wakanda.

Ao tentar perseguir Erik, T'Challa viu em seu pescoço o anel real, que foi dado por seu avô ao seu pai e seu tio, após chegar em Wakanda o Pantera Negra vai questionar Zuri sobre o que teria acontecido com seu tio. O conselheiro então decide lhe contar a real história, quebrando a promessa que havia feito ao Rei T'Chaka, ele conta que N'Jobu havia se apaixonado por uma americana e que eles tiveram um filho, Erik Stevens (N'Jadaka), e que N'Jobu após ser descoberto havia apontado a arma para Zuri, no ato de defendê-lo T'Chaka acabou matando o próprio irmão e não levou a criança junto para proteger seu povo. Erik no entanto, havia se tornado um soldado altamente treinado da CIA, que também havia pertencido ao grupo dos SEAL. T'Challa fica chocado ao ouvir esta declaração.

Enquanto Shuri trata e cura o agente Ross, Erik entrega o traficante Klaue a W'Kabi, e assim consegue adquirir sua confiança, pois T'Challa o havia dado a sua palavra que o traria de volta e não conseguiu. W'Kabi acaba levando Erik então ao conselho dos líderes para que pudesse se identificar, Erik então assume a sua real identidade e se apresenta como o filho de N'Jobu, portanto descendente real e questiona a coroa de T'Challa e também o fato de a realeza e o povo de Wakanda estar vivendo tão bem enquanto milhares de negros estão sendo oprimidos ao redor do mundo, sem ter acesso ao que o wakandianos têm para poder se defender e combater essa opressão. Erik então desafia o Rei para um duelo real, T'Challa aceita o desafio, Erik no entanto consegue se sair melhor no combate e quando vai matar T'Challa dizendo ser ele o culpado pela morte de seu pai, é interrompido por Zuri que quis que ele é na verdade o motivo da morte de N'jobu, Erik então o mata e acaba com T'Challa jogando na cachoeira. Erik assume o reinado de Wakanda e o posto de Pantera Negra. Nakia, Ramonda, Shuri e Ross conseguem fugir e se refugiar na floresta.

Erik tem planos de exportar as armas de Wakanda para os negros ao redor do mundo, para que eles possam se revoltar contra os brancos colonizadores, que deixem de ser oprimidos e passem a combater as camadas privilegiadas. Posteriormente, Nakia, Ramonda, Shuri e Ross vão até as montanhas na tribo Jabari, pedir abrigo ao líder M'Baku. Nakia tenta convencê-lo de lutar contra Erik pelo trono e oferece a ele a Erva do Coração, a planta que contém Vibranium, M'Baku as leva a um lugar da tribo, onde chegando lá encontram T'Challa debilitado, em coma entre a vida e a morte. O antigo rei foi resgatado no rio por um pescador Jabari e mantido vivo envolto a neve por M'Baku, em dívida por ter sido deixado

vivo no combate que ambos travaram no início pelo trono. Sua mãe, Ramonda, consegue curá-lo com uma poção feita com a erva. T'Challa então decide voltar e lutar contra Erik para impedi-lo de cumprir seu plano, antes de partir pediu ajuda a M'Baku para que o apoiasse com seu exército, no entanto o líder dos Jabari diz que não.

Quando as naves que estão partindo para distribuir as armas pelo mundo, T'Challa aparece e derruba uma nave e diz que o desafio pelo reinado com Erik não terminou, haja vista que o desafio se encerra com a morte ou desistência de um oponente. Erik agora Rei de Wakanda e com seu traje de Pantera Negra se recusa e ordena que W'Kabi e sua tribo, e também as Dora Milaje ataquem T'Challa. No entanto as guerreiras comandadas por Okoye, se recusam e apoiam T'Challa. Então, Shuri, Nakia e as Dora Milaje se juntam a T'Challa no combate contra a tribo comandada por W'Kabi, enquanto isso o agente Ross controla remotamente um jato e tenta abater as aeronaves que carregam as armas a serem distribuídas. Durante o combate, Erik consegue desarmar Shuri e quando está prestes a matá-la, T'Challa o interrompe e os dois caem em um túnel. Enquanto isso, a tribo de W'Kabi consegue cercá às Dora Milaje, é então que aparecem os guerreiros de tribo Jabari, comandados por M'Baku. Confrontado por Okoye, W'Kabi pergunta se a amada teria coragem de matá-lo, e a guerreira afirma que se fosse pelo seu povo, com certeza faria, ao olhar em seu redor W'Kabi percebe que estão em desvantagem, então ele e sua tribo se rendem.

Após caírem no túnel dentro da mina de vibranium, T'Challa e Erik travam um duelo homem a homem nos trilhos onde são transportados os minérios, durante a luta T'Challa consegue desativar as proteções do traje e em um golpe consegue cravar a adaga no peito de Erik. Ao cair, Erik lembra que se pai havia dito que o pôr do sol de Wakanda seria o mais lindo do mundo, T'Challa em um ato de misericórdia carrega Erik para o alto do morro para que ele pudesse ver então o pôr do sol. Enquanto os dois estão sentado, T'Challa diz que ainda há a possibilidade de curar o primo, mas Erik recusa, e diz que prefere a morte, segundo ele “Só me joguem no mar, como meus ancestrais que pulavam dos navios, pois sabiam que morrer era melhor do que viver preso”. Após essa fala, Erik dá seu último suspiro e morre.

O filme se encerra com T'Challa voltando ao local onde seu tio morreu em Oakland, na Califórnia, local que ele vai construir um centro de ajuda humanitária, assim como em outros lugares pelo mundo. Nakia irá administrar a assistência humanitária e social e Shuri ficará responsável pelo intercâmbio intelectual. Após os créditos, há uma nova cena, na qual T'Challa aparece em uma conferência das Nações Unidas para revelar a verdadeira natureza

de Wakanda ao mundo e dizer que não irão mais se ausentar perante os problemas mundiais, mas que vão ajudar a construir um novo mundo, onde todos possam se tratar como se fossem da mesma tribo.

### 3.1.4 – CRÍTICAS

O universo Marvel está cada vez mais se ampliando e tendo grandes sucessos de bilheteria ao redor do mundo, o que começou com o filme “Homem de Ferro” (2010) hoje já passa do seu décimo oitavo filme. O estúdio aposta em uma mescla de filmes com super-heróis solos, como o próprio homem de ferro, também com Capitão América, Pantera Negra, Hulk e Doutor Estranho por exemplo, mas sobretudo aposta em uma trama onde esses personagens todos se reúnem, como os filmes Vingadores. O Pantera Negra se encaixa nesse cenário, não somente como um filme de super-herói, mas sim também como um produto cultural e político, por se tratar do primeiro filme do gênero feito em Hollywood com um elenco e produção majoritariamente compostos por negros. Um filme que mesmo se tratando de uma ficção, se relaciona a todo momento com a vida real, com problemas e dilemas das sociedades modernas, se colocando como um manifesto cultural, trazendo novas perspectivas e caminhos que podem ser seguidos quando falamos em representatividade negra.

A obra dirigida por Ryan Coogler não se restringe apenas a questão racial, pois a trama não deixa a desejar em nada quando falamos dos quesitos necessários para um bom filme de super-herói, como boas lutas, uma disputa de ideias e ideologias entre o vilão e o mocinho, apetrechos tecnológicos, máquinas futurísticas, uma certa dose de comédia e para que isso fosse possível: bons atores. Somando-se a isso temos uma mistura muito bem estabelecida entre as tradições tribais africanas e uma tecnologia super avançada, como já um traço dos filmes do universo da Marvel.

‘Pantera Negra’ é o James Bond da Marvel, um filme atual, político e necessário que acerta em cheio ao criar uma trama mirabolante, repleta de reviravoltas e mensagens valiosas em seu subtexto. É o filme mais sério e mais profundo da Marvel, cheio de alma e momentos épicos que deixarão qualquer cinéfilo boquiaberto.

(MAROFON, CinePop, 2018)

Fazendo uma breve análise em sites especializados de cinema e lendo algumas críticas sobre o filme, fica bastante claro que “Pantera Negra” se coloca como um marco no cinema

*blockbuster* americano, tanto por ser composto majoritariamente por negros, mas também por abordar questões importantes como ancestralidade, o papel da mulher, segregação e racismo. Unindo durante mais de uma hora aspectos sociais e culturais misturados com entretenimento e diversão. Trazendo esse debate justamente em um período de fortes conflitos étnicos-raciais no Estados Unidos e em todo o continente americano, também de um crescimento mundial de movimentos conservadores e neo-nazistas e de uma discussão sobre imigração e direitos humanos.

Muito se discute sobre o papel do cinema, da televisão, do teatro e de outras manifestações artísticas, ainda mais quando se colocam na lógica de uma indústria cultural, porém ambas constituem o campo da arte, não importa em que meios estejam, e como arte possuem, ao meu ver, uma responsabilidade social que é retratar. Do campo micro que é o interior individual de cada ser humano, sentimentos, angústias, alegrias, tristezas e etc, até o macro ambiente que são povos, sociedades, tribos, países e mundo. A arte é o antídoto da morte, é ela que afirma a nossa passagem na terra, que marca uma determinada passagem de tempo, que expressa sentido em uma vírgula ou em um discurso. Capaz de nos fazer refletir e ao mesmo tempo que nos faz sonhar.

“Pantera Negra”, assim, pode significar uma importante quebra de paradigma por inserir um *blockbuster* de fantasia tão forte em problemas tão reais. (MIRANDA, O Globo, 2018.)

Cabe salientar que o filme sofreu uma série de tentativas de boicotes, que foram desde acusações falsas de mulheres brancas dizendo que foram agredidas por mulheres negras em exhibições dos filmes, um caso de *fake news* em que pessoas pegaram fotos de mulheres agredidas no Google, até a criação de eventos no Facebook de usuários para avaliar mal o filme em sites especializados. O que apenas ressalta o seu importante papel social.

## **3.2 - REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO FILME**

### **3.2.1 - A REPRESENTAÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA**

O filme proporciona um novo olhar do negro, um olhar que sempre lhe pertenceu mas que nunca havia sido explorado em um filme deste gênero e desta magnitude, capaz de atingir as mais diversas camadas de público. Uma ruptura com o olhar estigmatizado e

preconceituoso já naturalizado no imaginário coletivo. Existem alguns elementos na construção da imagem do negro no filme que impulsionaram a sua escolha como objeto central deste trabalho, que precisam ser abordados pois justificam a escolhas das cenas para a análise que virá mais adiante.

Antes de elencar os elementos que levaram a escolha do Pantera Negra como objeto de estudo, é preciso compreender que o cinema se constitui, além da sétima arte, como um instrumento de representação social, capaz de ajudar na construção da identidade de grupos, sendo a construção de identidade um conjunto discursivo verbal, corporal e imagético, que pode representar também a maneira como ocupamos os espaços. Se tratando de um processo gradual, no conjunto de atributos culturais reconhecidos e afirmados pela coletividade. E na relação do grupo consigo mesmo e também na relação com o outro, como o outro me enxerga, eu me construo no olhar do outro, um processo de alteridade. De forma que quando não há o reconhecimento da identidade de um grupo perante outro, criam-se barreiras no processo de formação dessa identidade, não há bases sólidas para que essa construção identitária passa a se fortalecer e se afirme como valor cultural. No não reconhecimento de uma identidade, começa um outro processo que é a criação de estereótipos, eu enquanto grupo não reconheço e não valido a imagem que esse outro grupo está me passando, o que eu reconheço e afirmo é aquilo que eu posso perceber e reconhecer, dessa forma validar. E esses estereótipos vão se cristalizando, tanto pela repetição, quanto pelo reforço sistemático, que eles criam um imaginário coletivo de identidade que se impregna no subconsciente coletivo, passando de geração em geração, e posteriormente perde-se o senso crítico de questionar a origem dessa imagem, os porquês, quem produz e reforça essas imagens. No Brasil esse processo de não reconhecimento foi usado na criação de uma identidade cultural nacional que tentava embranquecer a população, na tentativa de forjar uma sociedade que se aproximava mais das sociedades europeias.

### **3.2.2 - O NEGRO NÃO COLONIZADO**

Após traçar esse panorama sobre identidade e representação, usando como base o cinema, retornamos ao filme em análise. Apesar de ser uma produção norte americana e falada em inglês em sua grande parte, percebe-se claramente a preocupação da direção em que os atores negros de Wakanda tivessem um forte carregamento no sotaque africano, usando o

idioma como um elemento de ligação do negro com sua origem. Além disto, temos contato com uma civilização que não sofreu a influência estrangeira, de forma que ela não foi colonizada por povos brancos, diferentemente do resto dos países africanos. É apresentado ao telespectador uma perspectiva diferente, e fica um questionamento imagético de como seria o continente africano se não houvesse acontecido a exploração escravocrata e a exploração de matérias primas. Como vimos no primeiro capítulo, a África pode ser considerada o berço da humanidade e que serviu como fonte para o desenvolvimento de muitos países ao redor do mundo.

Devido a esse fator, de ser um país totalmente fechado aos estrangeiros em Wakanda, percebe-se também a manutenção de tradições centenárias, que não sofreram alterações com a globalização e que se mantiveram intactas, enquanto no universo ao redor as culturas tradicionais transformaram-se devido às trocas culturais e intercâmbios, as migrações e imigrações. Criou-se um espaço onde a cultura local pudesse ser amplamente enriquecida com costumes, ritos e produções de narrativas próprias, sem que houvesse o embate e que fossem ceifadas como aconteceu com negros que foram arrancados pelos escravocratas. E também houve a possibilidade de Wakanda se desenvolver enquanto sociedade de forma autônoma, não se baseando em experiências vizinhas, não sofrendo pressão ou interferências em seu modo de se constituir. Na sociedade contemporânea a interferência externa na construção enquanto grupo social é constante, a exemplo, a Revolução Francesa de 1789 teve sua ideologia reverberada por grande parte da América, influenciando muitos movimentos estudantis inclusive no Brasil. Assim como os movimentos Iluministas e Renascentistas que mudaram a concepção do homem sobre si mesmo e nas relações sociais, ou até o movimento Hippie do século passado que ainda hoje influencia jovens ao redor do mundo.

Temos em Wakanda um belíssimo experimento antropológico de uma sociedade que cresce em meio a globalização e diversos movimentos sociais, econômicos e culturais, e que consegue se manter intacta em suas tradições e ritos. Mesmo que alguns jovens wakandianos viajem para estudar ou servir de espiões no estrangeiro, o filme deixa claro que as suas ligações com o modo de vida do país de origem se mantêm. Em decorrência desta forte cultura local e não miscigenada o filme apresenta outros elementos que possibilitam esse novo olhar para o negro, como ancestralidade e o sentimento muito forte de pertencimento.

### 3.2.3 - ANCESTRALIDADE NEGRA E SUA HISTÓRIA

Um traço muito marcado em todo o longa, que é reafirmado diversas vezes, e em contextos diferentes é a ancestralidade. Desde a cena inicial em que o pai conta ao filho a história da criação de Wakanda e a origem do Pantera Negra, até a cena final em que T'Challa faz o pronunciamento na assembleia da ONU. Como o país nunca teve sua abertura para o estrangeiro e com isso não teve sua história abruptamente interrompida pela escravidão, a civilização pode se desenvolver organicamente, de geração em geração, as histórias puderam ser contadas mantendo a tradição da oralidade, os cultos puderam ser promovidos e ensinados livremente, o patrimônio material e imaterial pôde ser transmitido com todos os seus significados e sentidos, há uma outra estrutura social que permitiu ao jovens cultuarem os seus ancestrais, entretanto o papel fundamental que eles tiveram para eles pudessem estar ali. Esse é um traço característico de sociedades que possuem uma forte tradição cultural, que manuseiam e moldam seus estilos de vida, o que faz o que os ancestrais sejam amplamente cultuados por terem traçado um caminho anterior ao nosso para que mais adiante as nossas gerações continuem a trilhar novos caminhos para as gerações futuras, como por exemplo as sociedades japonesas e indianas.

A população negra americana descendente dos negros que vieram como escravos, não tem essa mesma ligação com a ancestralidade, não sabe se os escravos dos quais descendem vieram do sul ou do norte da África, de qual tribo pertenciam, quais rituais realizavam, sabe-se que vieram do continente africano, apenas. Essa generalização impediu durante décadas a criação de uma identidade que pudesse ser criada a partir de sua origem, o negro americano, mesmo tendo diferenças culturais oriundas dos países locais, têm criado uma identidade em um processo de autovalidação. Quando os escravos vieram e trouxeram suas bagagens culturais, não lhes foi permitida a oportunidade de perpetuar essas manifestações, e mesmo com a resistência dos quilombos e da religião, aos poucos, essas expressões foram se perdendo. Esse processo de matar a cultura é parte do projeto de transformação de identidade promovido pela elite branca com a intenção de embranquecer a sociedade.

A narrativa no entanto, reforça cena após cena o quão marcante é o contato com os ancestrais, tanto que depois do primeiro desafio pelo trono, entre T'Challa e M'Baku, o príncipe e agora rei participa de um ritual espiritual no qual vai ao encontro dos antigos panteras negras e conversa com seu pai, seu antecessor. Essa sabedoria de certa forma

“popular” - no sentido de não ser acadêmica -, de conversa, de transmissão de conhecimento oral, permite uma humanização e personificação do conhecimento, há um contato humano repleto de sentimento, expressões corporais, tons de voz e trejeitos, que impregna a mensagem a ser transmitida e faz com que a sua compreensão se torne mais fácil. Conhecer as suas origens, permite ao ser humano na sua concepção emocional produzir um sentimento de pertencimento, de integrante de algo maior.

### **3.2.4 - O NEGRO QUE PERMANECEU NO SEU LUGAR DE ORIGEM**

A trama do filme se faz possível e viável em termos de coerência, também por conta da presença marcante do sentimento de ligação do indivíduo com sua origem. Tanto que o desenrolar da história vai se amarrar em volta do roubo de Vibranium de Wakanda e posteriormente no confronto entre o vilão, Erik “Killmonger”, que não foi criado em Wakanda e sim no EUA, e T’challa o Pantera Negra, que foi criado em Wakanda, trazendo um choque de realidades, ideologias e visões. O tópico anterior que trata de ancestralidade, também só é possível por que temos em Wakanda uma sociedade que se estabeleceu naquela região e construiu sua ligação afetiva com o local, não houve um processo de migração para outras regiões ou então um processo de escravização. A população cresceu naquele ambiente e assim criou suas raízes naquele determinado espaço, de maneira que pôde tecer laços afetivos e culturais com o local, usando o território também no processo de formação da identidade do país.

Por conseguinte, com uma imensa riqueza material, as minas de Vibranium e recursos naturais, Wakanda pode desenvolver diversas tecnologias próprias, explorando de forma consciente suas reservas. Claro que se trata de uma obra de ficção, porém a fantasia só se faz irreal quando comparada a realidade, fica novamente o questionamento de como poderiam ter se desenvolvido os países do continente africano se não tivessem sido explorados, saqueados e escravizados.

## **3.3 - ELEMENTOS DE CRIAÇÃO DE UMA OUTRA IMAGEM DO NEGRO**

### **3.3.1 - A REALEZA**

Os pontos elencados anteriormente funcionam como elementos para a criação de uma narrativa diferente acerca da população negra, uma narrativa que foge de estereótipos já cristalizados e estigmas que marcaram a trajetória do indivíduo negro em produtos da indústria cultural de massa. Embora tenhamos uma vasta produção de narrativas negras disruptivas, que desmistificam vários paradigmas já estabelecidos, quando focamos a lupa para analisar mais atentamente os produtos provenientes da indústria cultural massiva, percebe-se claramente a falta de representatividade negra, ou então o reforço de estereótipos. Contrapondo a isto, no filme ficam marcados pontos que quebram essa imagem já tão reforçada do negro como marginal, em todos os seus possíveis sentidos, o negro se coloca como centro da história, o elemento principal.

Um ponto importante é a representação do negro como realeza, amostragem de uma família real negra. Quando se trata de nobreza e realeza, a associação quase instantânea no senso comum se faz com as monarquias europeias, a família real britânica e espanhola por exemplo. Isso se deve em grande parte ao pouco ensino da história da África, como já mencionado, conjuntamente com uma enorme construção de imaginário social estruturado e mantido com o auxílio dos produtos midiáticos, sobretudo os infantis. Trazendo como referencial os filmes de princesas dos Estúdios Disney, temos a esmagadora representação de princesas e príncipes brancos, com traços finos e muito próximos da fisionomia europeia. Há toda uma construção de signos que representam e ligam a nobreza e realeza com a pele branca, deixando para o negro uma construção subjugada.

O filme no entanto, rompe com esse paradigma ao mostrar e retratar uma realeza composta por pessoas negras: Rainha, Rei, Príncipe e Princesa. Além disso, mostra uma relação de descendência e hierarquia, um coroamento que perpassa gerações, elaborando assim uma trajetória real - uma constelação familiar real. E essa realeza é marcada também com elementos que configuram a sua identidade como nobres, como roupas especiais, adereços e ritos de tratamento. Por outro lado, a forma de manutenção da monarquia se dá de maneira mais democrática por assim dizer, haja vista que existe o desafio em que outras tribos podem elencar um guerreiro para a disputa do trono, não sendo assim uma sucessão direta.

### **3.3.2 - CULTURA PRÓPRIA**

Outro ponto marcante é a presença de uma cultura própria de Wakanda, uma cultura restrita e fechada, que gira e alterna em torno de si mesma. Desenvolve-se ao longo do filme vários atributos culturais que vão criar na percepção do espectador uma noção dos rituais tradicionais do país, usando elementos na composição da trama, como os desenhos tribais, vestimentas dos personagens, o sotaque marcado, esse conjunto de fatores vai colaborar para que se estruture um “modo de ser” wakandiano.

A cultura própria e fortemente enraizada nas gerações, algo que perpassa o tempo, capaz de fazer uma ligação subjetiva entre ancestrais e seus descendentes, fortalece a identidade de uma nação ou um grupo. No Brasil, uma das maneiras usadas para o embranquecimento da população no período da escravidão e também após, foi a subjugação da cultura dos negros, em forma de proibição da realização de suas tradições e ritos. Um povo se caracteriza pela cultura a qual constrói, a sua presença social está na forma como se expressa e manifesta suas construções sociais. De forma que a presença e manifestação de uma cultura própria afirma o grupo enquanto um conjunto social com identidade marcada. Há no filme, uma forte valorização desta cultura própria, de forma que, durante a obra, são várias as cenas em que a tradição se coloca como elemento central do debate.

Outros tópicos envolvem e englobam esta temática, pois tudo perpassa pela cultura, a forma como os personagens vão se relacionar entre si e com os estrangeiros, a maneira como é posta a visão de vida do herói e todos os traços que carregam valores morais e éticos, pode ser contestada a valorização a que o filme faz a cultura própria de Wakanda.

### **3.3.3 - TECNOLOGIA DESENVOLVIDA**

Já marcante como temática dos filmes do universo da Marvel, a avançada tecnologia também está presente no filme, porém desta vez ao invés de termos cientistas e projetistas como homens brancos, no filme essa representação da ciência fica com a princesa Shuri, irmão mais nova de T'Challa, uma mulher negra. É ela que vai conduzir os avanços tecnológicos de Wakanda e também de equipamentos do Pantera Negra. Esse é mais um paradigma quebrado pelo filme, pois retrata um país africano que detém as tecnologias mais avançadas do mundo, retirando a associação dos países africanos com a escassez intelectual, ou sociedades não desenvolvidas. Pelo contrário, Wakanda se estabelece como um polo de

riqueza material e intelectual, uma sociedade altamente desenvolvida e que pode servir como referencial aos demais.

Há neste ponto uma ligação com o capítulo anterior quando falamos da história da África, os registros apontam como diversas técnicas agrárias, uso de ferramentas, e produções de engenharias foram aprendidas com os povos africanos e depois reproduzidas na América por exemplo, porém essa perspectiva foi invisibilizada no senso comum. Esse desenvolvimento tecnológico foi permitido devido a possibilidade de crescimento social do país não ter tido interrupção e interferência estrangeira.

### **3.3.4 - SHURI, NAKIA E OKOYE: O PODER DAS MULHERES NEGRAS.**

O preconceito social perpassa de maneira muito forte a estereotipização, pois ambos atuam de formas simultâneas e estão entrelaçados em sua raiz que é o racismo estrutural, de forma que eles se relacionam com outras opressões também. Há uma interseccionalidade nessa estrutura opressiva que atinge a camada mais vulnerável da nossa pirâmide social que seriam as mulheres negras. Existe um conjunto sistemático que invisibiliza a presença da mulher negra como uma atriz social, aquela capaz de exercer plenamente a sua cidadania em todos os espaços, recaem sobre elas não apenas o racismo, mas também o sexismo, misoginia e o machismo. Sendo assim, os estereótipos que marcam a criação da imagem da população negra nos produtos midiáticos de massa, afetam mais claramente as mulheres negras, pois além dos estereótipos raciais agregam-se a essa falsa imagem os estereótipos machistas e sexista. O movimento do feminismo negro vai abordar essa questão mais amplamente, a intenção aqui é salientar e apontar esse aspecto perverso da nossa sociedade para que se compreenda a importância do que virá a seguir.

“Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim!”

(TRUTH, 1851)

O imaginário coletivo a respeito dos negros descende do período da escravidão principalmente, sendo assim a imagem para com a mulher negra foi durante muitos anos - e

ainda é - ligada a sexualidade e a servidão doméstica (mães pretas, amas de leite). Pensando no cenário midiático nacional temos figuras importantes e que marcaram o imaginário social, que foram criadas justamente em cima desses dois estereótipos da mulher negra: a Globeleza e a Tia Nastácia, por exemplo. Porém pouco foi retratado sobre a luta e a força das mulheres negras, que quando escravas eram separadas dos filhos recém nascidos para darem leite aos filhos da casa grande, ou então quando livres, trabalhavam vendendo quitutes para sustentar a família. Com base nisso, o filme trata com outra perspectiva as mulheres negras, mesmo se tratando de uma produção norte-americana, a luta das mulheres da parte de cima do hemisfério foi bastante parecida com a das mulheres do sul.

A personificação dessa força não fica restrita a apenas a um determinado núcleo do filme, pelo contrário, ela irradia em todas as personagens centrais, manifestando-se em um campo heterogêneo e diversificado. Na parte familiar temos a Princesa Shuri, uma jovem brilhante, cientista responsável pelos avanços tecnológicos de Wakanda e por todo suporte técnico do herói Pantera Negra. Na parte afetiva, Nakia se mostra como uma guerreira que abriu mão de seu relacionamento com T'Challa e do conforto de Wakanda para lutar pelos seus ideais: ajudar outras pessoas negras que sofrem com a violência, fome e escravidão. E responsável por grande parte das cenas de ação, temos a general Okoye e às Dora Milaje - o grupo responsável pela segurança do Rei - que representam toda a resistência e força da mulher negra.

“Em *Intelectuais Negras*, Bell Hooks fala sobre o quanto as mulheres negras foram construídas ligadas ao corpo e não ao pensar, em um contexto racista. A pensadora afirma que a combinação entre racismo e sexismo implica em sermos vistas como intrusas por pessoas de mentalidade estreita. Para além disso, a própria conceituação ocidental branca do que seria uma intelectual faz com que esse caminho se torne mais difícil para mulheres negras.” (DJAMILA RIBEIRO, 2017)

As feministas negras vão abordar justamente essa ligação histórica da construção do feminino negro ligado ao corpo, que separa a mulher negra de uma produção epistemológica e invisibiliza sua produção de conhecimento. O que no filme vai acontecer justamente ao contrário, pois não há uma sexualização do corpo feminino e sim, um passo inicial para a associação da mulher negra a intelectualidade.

### **3.4 - O HERÓI E VILÃO.**

Longe do embate dualista entre o bem e o mal - o herói e o vilão - a contraposição entre o T'Challa (Pantera Negra) e Erik (Killmonger) se faz com uma profundidade que aproxima a narrativa da realidade, mesmo se tratando de uma obra ficcional. Ambos possuem qualidades e defeitos, e sobretudo defendem causas extremamente presentes no cotidiano dos movimentos negros. Apesar da trama girar em torno do roubo de Vibranium e também da sucessão do trono de Wakanda, o confronto de ideias entre os dois personagens centrais apresenta ao telespectador algumas visões sobre a técnica racial. Ao mesmo tempo que temos um país altamente desenvolvido, com cultura própria, tecnologia avançada, segurança, e etc, temos outros milhares de pessoas negras ao redor do mundo que sofrem sistematicamente com o racismo estrutural. E enquanto Erik quer combater essa opressão de forma violenta, armando os negros estrangeiros com as armas de Vibranium de Wakanda e assim fazer uma revolução, T'Challa já apresenta uma visão mais voltada a diplomacia, ou até mesmo uma certa omissão.

Há neste confronto uma oposição que reflete dois modos diferentes de criação. Erik passou a juventude nos Estados Unidos, carregando o peso da desigualdade social e do racismo, não teve contato com o seu pai que foi assassinado, cresceu em meio a uma cultura da qual não existe representatividade, não possui uma ligação afetiva e emocional com sua tradição e seus ancestrais, desenvolveu-se enquanto ser humano em uma sociedade que teve como base o sistema escravocrata e que passou por uma guerra civil. O personagem mostrado é muito similar a muitos jovens negros americanos que passam ou passaram pelas mesmas questões. Já, por outro lado, T'Challa teve uma criação completamente diferente do seu antagonista, ele pode se desenvolver enquanto ser humano em um ambiente igualitário, com a presença da figura paterna e materna, rodeado por seus semelhantes, em uma sociedade que não teve sua construção com base na escravidão, mas sim da colaboração, com uma cultura de exaltação às tradições e a cultura própria, com ligações diretas a seus ancestrais, uma narrativa que valoriza seus antepassados e que possibilita que o sentimento de pertencimento seja sentido. T'Challa e Wakanda seriam a utopia imaginada por jovens negros da vida real, enquanto Erik seria mais um retrato ou recorte social da vida de parte dos homens negros contemporâneos, narrada em músicas dos Racionais, Emicida ou Tupac. Há um diálogo constante durante todo o filme entre a realidade e a ficção, com a temática principal da etno-racial, da relação do negro com os não-negros.

Erik, no entanto possui um discurso muito forte no que tange a tensão, em praticamente todas as suas aparições e falas estão presentes questionamentos sobre a forma como a sociedade trata o ser negro. De modo que sua presença traz as cenas, temas centrais da luta racial, como por exemplo na cena em que ele rouba um artefato do museu em Londres, mas antes questiona a curadora sobre de que maneira esses artefatos de tribos africanas foram parar no continente europeu. Percebe-se nesta cena, além de um questionamento sobre a apropriação da cultura africana por parte dos europeus, também uma crítica a narrativa africana ser contada através da percepção branca colonizadora, pois a curadora quando questionada da origem do artefato erra ao localizar seu produtor.

Outro ponto importante desse confronto entre os dois personagens principais da trama, é que dependendo do ponto de vista Erik não pode ser caracterizado como um vilão, pois percebe-se um ideal, um propósito, na sua causa que aproxima o personagem mais a um justiceiro. Angela Davis, ao ser questionada por um jornalista na prisão sobre o uso de violência do grupo Panteras Negras, enquanto estava detida, o rebateu dizendo que a forma como a sociedade está organizada permite que haja violência em todas as partes, citando o caso das violências diárias que as pessoas negras sofriam nas suas comunidades. Nesse sentido há de se pensar que a violência no caso de Erik era uma saída, uma possibilidade presente para enfrentar as violências sofridas pelas pessoas negras ao redor do mundo. O filme permite esses questionamentos filosóficos, pois constrói personagens complexos e com profundidade. Além disso, Erik mesmo sendo de origem wakandiana, não foi criado no país, não teve contato com as tradições e culturas da qual descende, isso pode justificar o fato de em muitos momentos ele as desrespeitar, como ele coloca fogo no templo sagrado do pantera. Podemos fazer uma analogia aos negros frutos da diáspora africana, o qual não temos contato com as tradições e culturas da qual somos descendentes.

## 4. PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE

“Mas, a análise coloca problemas. No imediato, analisar um filme na sua totalidade afigura-se uma tarefa quase interminável. Mas, o principal problema é o facto do filme não ser citável; por exemplo, na análise/crítica literária são usadas palavras que se referem a palavras, na análise/crítica de filmes são usadas palavras que se referem a imagens e sons.” (PENAFRIA, 2009)

### 4.1 - MÉTODO

Antes de entrar no método empregado neste estudo, cabe ressaltar que o cinema se coloca como uma arte, uma manifestação artística criativa e discursiva, no sentido que promove inovações e cria os mais diferentes discursos. Desta maneira, existe uma ampla literatura que vai se aprofundar nas mais diversas camadas de estudos sobre esta arte, mas que para a análise deste objeto específico, o foco será em alguns elementos mais pontuais. É preciso compreender também, que cada obra cinematográfica é resultado de um processo complexo que vai desde a definição do projeto até a divulgação e distribuição (exibição), contando com várias etapas que demandam de recursos materiais e pessoais, também uma gama de profissionais.

O cinema consegue fazer uma compilação de diferentes esferas das artes - consegue reunir elementos e criar uma narrativa própria-, uma linguagem cinematográfica que possibilita que façamos sua compreensão, ou até mesmo incompreensão. Assim, o cinema nos permite vivenciar experiências literárias, musicais, teatrais e outras, formando um conjunto artístico completo, até mesmo em filmes mais mercadológicos.

Um filme emprega em sua concepção visual elementos de composição das artes visuais: a linha, as formas, massa, volume e texturas. Manipula o espaço tridimensional e recria nesses termos objetos similares, como na escultura; explora as relações entre luz, sombra e cor como a pintura e a fotografia. Todos esses elementos são agregados na imagem que se move, e pode se mover com ritmo ou como narrativa como no teatro e na dança, fazendo uso de trilhas próprias ou advindas da música. Os ritmos complexos desenvolvidos em uma narrativa fílmica se mesclam como numa métrica poética, que, assim como na poesia, faz uso de metáforas, significações e simbologias. O filme comunica suas ideias visualmente e verbalmente, através de gestos, encenação e falas. Assim como na literatura, podemos expandir ou comprimir o espaço e o tempo, contar histórias inéditas ou recontar com nossas palavras histórias acontecidas há muitos séculos. O filme é, assim, um amálgama de tudo o que as demais artes podem oferecer. (ROCKENBACH, 2017)

O objetivo deste estudo é verificar como o filme “Pantera Negra” pode se colocar como um marco de representatividade negra e como um projeto piloto para uma nova construção da identidade negra nos produtos midiáticos de massa. Para isso, será usado o método de análise fílmica, com o propósito de tentar compreender de que maneira alguns elementos vão se destacar na obra para que se possa fazer a analogia do filme com uma marca disruptiva que quebra com os estigmas e estereótipos dos negros em produções audiovisuais.

Nos primeiros capítulos o intuito era criar uma base sólida sobre: história da África, escravidão, racismo, cultura de massas e identidade. Para que possamos compreender em que cenário foi criada a identidade negra latino-americana, sobretudo brasileira, e com quais objetivos, intenções e perspectivas. Podemos perceber então, que essa imagem foi construída em cima de estereótipos e estigmas, que marcam a trajetória do negro e que ligam quase sempre ao mesmos pontos: sexualização, objetificação, escravidão, pobreza e marginalidade. Contudo, podemos ver quais são as origens desde estereótipos, quais as ligações destes com a realidade e como a nossa organização social vai possibilitar a criação dessas imagens cristalizadas. Agora, o intuito é analisar o filme e, sobre a luz de algumas teorias e dos pontos já trabalhados nesta pesquisa, tentar traçar uma interpretação que vai nos permitir chegar a algumas conclusões sobre seu papel na representatividade negra.

Antes de abordar método utilizado é necessário fazer um distanciamento entre análise fílmica e a crítica. Como viu-se, o cinema se constitui como um arte que possui uma linguagem própria, essa linguagem é construída a partir de vários elementos que vão compor a obra, como: cenário, iluminação, figurino, sonorização, entre outros. Dessa forma, todos esses elementos juntos vão construir uma narrativa que vai permitir ao espectador uma, ou mais de uma, interpretação. Cada observador vai poder ter uma maneira de “ler” determinada obra,

isso porque parte-se do pressuposto que tem-se bagagens culturais e pessoas diferentes uns dos outros. Portanto, a análise fílmica vai ser um estudo voltado a interpretação dos elementos que vão compor uma obra cinematográfica, algo mais ligado a técnica e estrutura. Penafria(2009) diz que:

Analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme. E embora não exista uma metodologia universalmente aceite para se proceder à análise de um filme (Cf. Aumont, 1999) é comum aceitar que analisar implica duas etapas importantes: em primeiro lugar decompor, ou seja, descrever e, em seguida, estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar (Cf. Vanoye, 1994). A decomposição recorre pois a conceitos relativos à imagem (fazer uma descrição plástica dos planos no que diz respeito ao enquadramento, composição, ângulo,...) ao som (por exemplo, off e in) e à estrutura do filme (planos, cenas, sequências). O objectivo da Análise é, então, o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação. Trata-se, acima de tudo, de uma actividade que separa, que desune elementos. E após a identificação desses elementos é necessário perceber a articulação entre os mesmos. Trata-se de fazer uma reconstrução para perceber de que modo esses elementos foram associados num determinado filme. Não se trata de construir um outro filme, é necessário voltar ao filme tendo em conta a ligação entre os elementos encontrados. O filme é o ponto de partida para a sua decomposição e é, também, o ponto de chegada na etapa de reconstrução do filme (Cf. Vanoye, 1994). Este segundo movimento em direcção ao filme evita cair em interpretações/observações despropositadas ou pouco pertinentes.

(PENAFRIA, 2009)

Assim, a análise fílmica consiste em um processo de decompor o filme, seleccionar diferentes elementos e aspectos da obra e separá-las para analisar sobre determinado método, o que consistirá em uma interpretação com base nos itens seleccionados. Por outro lado, a crítica estaria mais ligada ao conjunto da obra e também a sua contextualização e relação externa com a sociedade. Aliando alguns elementos da análise fílmica com um julgamento de valor, o que pode ter a ver também com um lado mais mercadológico do cinema, uma vez que o cinema, assim como em geral as artes, estão em uma lógica de se transformarem em mercadoria.

Já a crítica tem como objectivo avaliar, ou seja, atribuir um juízo de valor a um determinado filme - trata-se de determinar o valor de um filme em relação a um determinado fim (o seu contributo para a discussão de um determinado tema, a sua cinematografia, a sua beleza, a sua verdade, . . . ). Este tipo de discurso não é pois uma análise propriamente dita, mas poderá beneficiar do trabalho de análise que consideramos anterior a uma atribuição de um juízo de valor.

(PENAFRIA, 2009)

Feito este distanciamento entre essas duas perspectivas acerca de análise e crítica, agora é o momento de tratar da análise fílmica e determinar os elementos que serão analisados a posteriori. Para isto vou usar como base o artigo *Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)*(2009), de Manuela Penafria, que traz alguns conceitos e visões sobre este método. Como já dito, a proposta desta pesquisa não é de se aprofundar na linguagem cinematográfica ou no estudo das técnicas usadas no filme, mas sim tentar sobre a luz da análise fílmica compreender alguns elementos presentes na obra. Para isso, a técnica escolhida para analisar esses elementos, vai se constituir de uma mescla entre Análise de Conteúdo, Análise Poética e Análise de imagem e som.

b) análise de conteúdo. Este tipo de análise considera o filme como um relato e tem apenas em conta o tema do filme. A aplicação deste tipo de análise implica, em primeiro lugar, identificar-se o tema do filme (o melhor modo para identificar o tema de um filme é completar a frase: Este filme é sobre . . . ). Em seguida, faz-se um resumo da história e a decomposição do filme tendo em conta o que o filme diz a respeito do tema...

c) análise poética. Esta análise, da autoria de Wilson Gomes (2004), entende o filme como uma programação/criação de efeitos. Este tipo de análise pressupõe a seguinte metodologia: 1) enumerar os efeitos da experiência fílmica, ou seja, identificar as sensações, sentimentos e sentidos que um filme é capaz de produzir no momento em que é visionado; 2) a partir dos efeitos chegar à estratégia, ou seja, fazer o percurso inverso da criação de determinada obra dando conta do modo como esse efeito foi construído. Se considerarmos que um filme é composto por um conjunto de meios (visuais e sonoros, por exemplo, a profundidade de campo e a banda sonora/musical) há que identificar como é que esses meios foram estrategicamente agenciados/organizados de modo a produzirem determinado(s) efeito(s)...

d) análise da imagem e do som. Este tipo de análise entende o filme como um meio de expressão. Este tipo de análise pode ser designado como especificamente cinematográfico pois centra-se no espaço fílmico e recorre a conceitos cinematográficos...Com este tipo de análise encontramos, sobretudo, o modo como o realizador concebe o cinema e como o cinema nos permite pensar e lançar novos olhares sobre o mundo...

(PENAFRIA, 2009)

Com base nessa tipologia elencou-se alguns pontos do filme para analisar e conjuntamente com esses elementos selecionou-se do dia 31 de Janeiro a 22 de Fevereiro de 2018, sete reportagens do Portal de Notícias G1, que trazem como objeto central o filme “Pantera Negra”. A proposição é decompor o filme em 4 tópicos principais: História, Representatividade, Cenários e Composição. E traçar um estudo que relacione as reportagens veiculadas em um portal de grande acesso, um canal midiático de massa tradicional, com o

embasamento teórico já trabalhado nos primeiros capítulos. Para que ao final tenhamos um suporte que poderá respaldar as conclusões. Sendo a proposta principal deste trabalho, se possível, responder a presente questão: Qual a importância de um filme como “O Pantera Negra” para a construção da representatividade da população negra na produção midiática de massas? E entender todas suas correlações e conexões.

## **4.2 - SELEÇÃO DE MATERIAIS**

### **4.2.1 - ELEMENTOS DO FILME**

No capítulo anterior, dedicado ao filme, trabalhou-se alguns elementos que julguei que poderiam ser um novo passo na ruptura com as imagens estereotipadas e cristalizadas dos negros nesses produtos audiovisuais. Na ocasião, separei o assunto em dois subtópicos, sendo eles: 3.2 - Representação do Negro no Filme (3.2.1 - A representação da população negra; 3.2.2 - O negro não colonizado; 3.2.3 - Ancestralidade negra e sua história; 3.2.4 - O negro que permaneceu no seu lugar de origem) e 3.3 - Elementos de Criação da Nova Imagem do Negro (3.3.1 - O negro como realeza; 3.3.2 - Cultura própria; 3.3.3 - Tecnologia Desenvolvida; 3.3.4 - Shuri, Nakia, Okoye: O poder das mulheres negras).

Neste novo momento, respaldado pelo já trabalhado e também com base nas três tipologias elencadas como método de análise, fiz a escolha de 4 elementos do filme para centralizar esse processo analítico, são elas: história, representatividade, cenário e composição (personagens, roupas, figurinos, idioma). O caminho a ser percorrido agora é entender como esses elementos foram trabalhados no filme, de que forma vão impactar na representatividade negra de modo que colaborem para que se crie um acervo que sirva de base para criar novas identidades negras.

### **4.2.2 - REPORTAGENS**

O uso das reportagens teve como principal intuito, ancorar os elementos escolhidos do filme para fazer a análise fílmica, de maneira que se possa comprovar a sua contribuição para uma nova abordagem quando falamos em representação do negro. E por ter esse propósito, a escolha do canal de comunicação a ser utilizado na busca por reportagens, foi de um canal tradicional e massivo, que já tivesse seu conhecimento e utilização amplamente difundido na

nossa sociedade contemporânea brasileira. Com isso a escolha foi o G1 - Portal de Notícias, um site hospedado no Globo.com e que pertence ao conglomerado de empresas do Grupo Globo.

O portal foi lançado no dia 18 de setembro de 2006, substituindo o antigo site GloboNews.com, criado em 2001. A finalidade do portal é disponibilizar o conteúdo jornalístico das diversas empresas do Grupo Globo, desde os jornais e canais de TV até as revistas. O portal possui escritório fixo (redação) em 5 capitais: Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília, Belo Horizonte e Recife. Além disto, ele também é alimentado pela afiliadas da rede Globo em cada estado do território nacional. E ainda conta com a colaboração de agências associadas de notícias internacionais, como: Agência Estado, New York Times, Associated Press, EFE, Lusa, Agência France Presse e Reuters. O portal é abastecido de notícias e reportagens 24 horas por dia, durante todos os dias da semana.

A seleção das reportagens ocorreu do dia 31 de Janeiro a 22 de Fevereiro de 2018. Foi pesquisado no campo de busca o nome do filme “Pantera Negra” e selecionou-se algumas cujo o título pudesse ter alguma relação com a proposta desta pesquisa. Após ler essas matérias, fiz a seleção das sete que mais se aproximavam do proposto. Na tabela 2, numerei as reportagens de 1 a 7, colocando ao lado a sua data de publicação, o local que foi veiculada dentro do portal e o seu título. Posteriormente, selecionei alguns trechos de cada reportagem e associei a um elemento selecionado do filme, para assim analisar ambos conjuntamente. O enfoque é demonstrar como esses elementos que sugeri para a análise do filme, também foram agraciados na sua recepção em um portal de notícias como o G1. A proposta é utilizar os trechos selecionados no formato de citações para melhor embasar a análise.

Reportagem	Veiculação	Portal	Título
Reportagem 1	16/02/2018	G1- Blog Dodô Azevedo	Pantera Negra, o primeiro super-herói negro da sua coleção de bonecos.
Reportagem 2	19/02/2018	G1 - RS	Estudantes fazem campanha para levar crianças negras a assistir ao filme Pantera Negra no cinema.
Reportagem 3	16/02/2018	G1 - Pop & Arte	'Pantera Negra' gera entusiasmo e orgulho entre os africanos; veja trailer.

Reportagem 4	06/02/2018	G1 - Pop & Arte - Cinema	'Pantera Negra' prova que super-heróis têm algo relevante a dizer além de socos e explosões; G1 já viu.
Reportagem 5	22/02/2018	G1 - Pop & Arte - Cinema	'Pantera Negra': analistas avaliam se filme com herói negro vai representar maior inclusão ou exceção no cinema.
Reportagem 6	31/01/2018	G1 - Pop & Arte - Cinema	Atores de 'Pantera Negra' ressaltam importância da cultura africana em filme da Marvel.
Reportagem 7	01/02/2018	G1 - Pop & Arte - Cinema	'Pantera Negra' ganha elogios com perseguições, cenários futuristas, humor e guerreiros africanos.

**Período de Coleta: 09/10/2018 - 12/10/2018**

**Período das reportagens: 31/01/2018 - 22/02/2018**

### **4.3 - ANÁLISE**

#### **4.3.1 - HISTÓRIA**

Um dos itens que se destacam na interpretação do filme é a sua abordagem histórica, na qual há uma clara valorização da cultura de tribos africanas. O que está presente em praticamente todas as cenas do longa, tanto na estampa das roupas, quanto no sotaque africano e principalmente nos rituais de Wakanda. Desde o início quando há o ritual de passagem da coroa para T'Challa até as últimas cenas, é perceptível a preocupação de valorizar a importância histórica da África e sua ancestralidade. Tanto que existe um tensionamento presente que vai versar sobre a atitude dos reinados anteriores de preservar a identidade secreta de Wakanda e as configurações modernas do mundo exterior que trazem o questionamento de expor o país no cenário internacional e ajudar com suas tecnologias. Este olhar histórico, também se apresenta nas reportagens.

Reportagem 1(Tabela 2) - “De tudo o que há de inédito e superlativo no filme Pantera Negra, o que a mim mais me pareceu efetivo e revolucionário foi já começar o filme com um prólogo explicando que o mundo e o universo foram criados segundo a cosmogonia africana. Não há Deus, Jesus, Alá, Bíblia e Alcorão na terra. O filme sugere que tudo começou na África; homens e deuses.”

Quando se trata da análise poética é necessário compreender o filme na sua programação e criação de efeito, que seria identificar quais as reações, sentimentos, efeitos que provoca no seu espectador. Desta maneira, mesmo se tratando de uma experiência individual, alguns aspectos podem ser percebidos como coletivos. Nesse sentido, a abordagem histórica do filme, de trabalhar de maneira incisiva a ancestralidade e os rituais das tribos, permite que o público negro tenha contato com uma narrativa de um super-herói de origem africana, enraizado em um país africano e com um enorme avanço tecnológico sem perder os laços com a tradição, algo inovador para esse público que se acostumou a não ver sua história nas telas.

Reportagem 1(Tabela 2) - “Pantera Negra é um filme de ação, ideológico. Quer, além de entreter (e que cenas as filmadas na Coreia do Sul!), propor uma nova educação histórica e mítica.”

A cinematografia com filmes sobre mitologia nórdica, grega, romana, ou sobre religiões cristãs e evangélicas já possui em seu acervo diversos títulos, porém quando vamos pesquisar sobre títulos de religiões e mitologias africanas o espectro é extremamente menor. Levando em conta a riqueza nas histórias dos Orixás, por exemplo, poderiam ser criados diversos filmes sobre essa temática se não fosse a estrutura racista que dificulta o acesso da população negra a espaços de representação na cultura de massa.

#### **4.3.2 - REPRESENTATIVIDADE**

Este pode ser o legado e a mensagem mais importante deixado pelo filme, também o motivo pelo qual se deu a escolha deste objeto para a elaboração da pesquisa. “Pantera Negra” não é o primeiro super-herói negro a ser criado ou representado no cinema, porém é o primeiro filme blockbuster a ser produzido, dirigido e estrelado por elenco majoritariamente negro. Ele não representa apenas ou somente um super herói negro, mas também reis e rainhas, príncipe e princesa, cientista, guerreiras e guerreiros, nobreza e toda uma sociedade com cultura e tecnologia própria, sem a interferência do homem branco.

Reportagem 1(Tabela 2) - “Saíram todos, pais e filhos, empolgados, atrás de bonecos e miniaturas do herói. Para pais e filhos, será o primeiro brinquedo ou herói ou modelo de um negro na prateleira. Pantera Negra é o começo de algo novo e revolucionário.”

O filme representa um universo de possibilidades para as pessoas negras, que foge da violência, pobreza ou sexualização como já é bastante retratado. Permite que crianças negras possam realizar o exercício de imaginar seu futuro como cientistas, igual a personagem “Shuri” ou então um guerreiro e líder como “M’Baku”. Segundo a análise poética, o filme provoca a sensação, até então distante, de pertencimento. Além desse aspecto, existe uma lacuna na formação da autoestima de pessoas negras, quando falamos em termos de representatividade, podemos usar como exemplo as publicidades de produtos de cosméticos que em sua maioria são feitos sobre padrões de beleza branco, mesmo que exista, hoje, um movimento mais representativo, ainda há uma lacuna grande a ser preenchida.

Reportagem 2(Tabela 2) - “Iniciativa deve levar cerca de 100 crianças e adolescentes de baixa renda à sessão de cinema em Porto Alegre. Objetivo é oportunizar que eles assistam filme protagonizado por um super-herói negro.” - “Tudo surgiu após uma delas, Vitória Sant’Anna Silva, assistir ao filme e constatar que ele é representativo para crianças negras, acostumadas a verem nas telas uma maioria de heróis brancos.” - “Também integrante do grupo que organiza a campanha, Mariana Boeno acredita que assistir a um filme como Pantera Negra ajuda na auto-estima das crianças. No filme 90% dos personagens são negros, então eles estão em diversos papéis e não só de coadjuvante ou figurante. A criança pode se ver e sonhar em ser um herói ou heroína com seu cabelo black”, opina ela. A discriminação racial acontece através do fenótipo e por isso as crianças precisam ver pessoas negras em outros espaços.”

Nessa conjuntura, agrupando os conceitos da análise de conteúdo, poética e de som e imagem, “Pantera Negra” é em sua totalidade uma obra de extrema importância em termos de representatividade. Além de mostrar uma sociedade avançada e totalmente negra, a composição dos discursos dos personagens, suas roupas e até mesmo a trilha sonora, produzida pelo Rapper americano *Kendrick Lamar* com colaboração de *The Weekend* e *SZA*(negros), pode demarcar uma nova trajetória de produções negras no cinema.

Reportagem 3(Tabela 2) - “Filme é esperança para mudar de vez a representação dos africanos no cinema hollywoodiano, longe do tema pobreza.”

Ao mesmo tempo que as produções midiáticas de massa (televisão, cinema, publicidade, etc) ao que parecem caminhar para uma maior representatividade, não apenas de

peças negras, mas também de outros grupos historicamente invisibilizados, há um questionamento que permanece em aberto: essas novas produções mais representativas vão abrir novos caminhos e oportunidades a esses grupos, ou ficaram apenas como exceções? Esse questionamento, mesmo que sem resposta iminente, se mostra importante de manter no debate social, pois mantém o teor crítico sobre futuras produções e direcionamentos.

Reportagem 5(Tabela 2) - “O sucesso global e histórico de "Pantera Negra" e seu elenco basicamente negro pode finalmente prever dias felizes para diretores e atores negros, ou o novo filme de super-herói da Marvel será apenas uma exceção que confirma a regra?”

É importante de observar o contexto social e histórico quando vamos analisar algo, principalmente suas implicações na vida cotidiana das pessoas. Tratou-se, desde o primeiro capítulo, sempre estabelecer um parâmetro de todos os aspectos abordados, para que se possa ter uma visão mais ampla dos acontecimentos e compreender como eles acabam por se relacionar entre si. Com isso, quando questiono a importância da representatividade do filme, é preciso refletir sobre o alcance mundial que os filmes do estúdio Marvel possuem e como numa sociedade moldada e influenciada pela cultura de massas essas produções podem interferir nas relações interpessoais. Claro que deve-se relativizar essa interferência e levar em conta o perfil ativo do telespectador, o qual é capaz de estabelecer suas vontades e pensamentos autônomos, mas não há como negar a influência dessas produções em nossas vidas, em maior ou menor grau.

Reportagem 6(Tabela 2) - “Algo como a Marvel tem a capacidade de realmente afetar a cultura popular, e fazer essa cultura popular ser informada por coisas que são de origem africana e as pessoas saberem que são de origem africana... é poderoso”, disse Lupita Nyong'o, que vive a guerreira Nakia, à Reuters. “Espero que isso mude a ideia geral do que é ser um africano. Muito frequentemente nós vemos a África como um lugar carente, e aqui como um lugar para onde você quer ir”, disse.”

Expressões artísticas permitem geralmente que se tenham diferentes interpretações e visões acerca da obra, de forma que cada pessoa que entre em contato com ela possa usar sua bagagem cultural e vivências pessoais na recepção da obra, o que se caracteriza quase sempre em um processo individual e intransferível. Por outro lado, alguns grupos são expostos a vivências parecidas por ocuparem o mesmo *locus social*. Claro que dentre esses grupos, possuem diversas mudanças, mas a ideia que quero transmitir é que o filme possibilita que, nós, pessoas negras tenhamos um sentimento muito parecido mesmo tendo diferenças entre

essas pessoas. A sensação de poder nos ver em uma produção desta magnitude, nos aproxima enquanto grupo e se coloca como um ponto importante de representação.

Reportagem 7(Tabela 2) - “Não posso descrever a sensação de estar sentado e assistir o filme, me ver na tela, pessoas que se parecem comigo e me sentir com poder, abordando temas sociais relevantes, mas em um filme que você pode curtir”, afirmou na pré-estreia Michael B Jordan, que interpreta o rival de T'Challa.”

Um fator bastante importante do filme é abranger todas essas questões sociais já mostradas e também algumas ainda não relatadas como imigração e ajuda humanitária, dentro de espectro de ficção e aventura, fazendo uma mescla de temáticas sociais e entretenimento. Uma abordagem que pode facilitar o debate sobre temas raciais, e aproximar indivíduos que até então nunca haviam se questionado a importância da representatividade.

#### **4.3.3 - CENÁRIOS: RIQUEZA NATURAL**

Realidade e ficção são muito próximas no sentido de possibilidades, de forma que a ficção só se torna ficção quando em comparação ao real e assim no momento em que algo que é fruto da imaginação se concretizada, deixa então de pertencer ao campo das possibilidades e se torna real. No contexto do filme, a ficção da cidade de Wakanda e toda o seu avanço tecnológico derivado da exploração do minério de Vibranium, permite que façamos uma analogia com a riqueza material do continente africano e que foi roubada e explorada por países europeus, sendo assim a ficção do filme poderia ser realidade se tivéssemos tido uma conjuntura social diferente, mantendo, claro, as devidas proporções.

Reportagem 4(Tabela 2) - “Wakanda é fictícia, claro, mas a nação desenvolvida por Coogler parece viva na trama. Afastada das demais civilizações, a região apresentada no filme tem política, mitologia, arquitetura e tecnologia complexas e ricas (ao contrário de Asgard, berço de Thor), em um belo exercício do que poderia acontecer se a cultura africana nunca tivesse sido contaminada pelo Ocidente.”

Os cenários retratados e conjuntamente com o conceito apresentado da análise de imagem e som, permitem uma nova leitura acerca do filme, pois ele se desenrola majoritariamente no país de Wakanda e assim a narrativa vai ser criada em um cenário futurista, organizado, com paisagens naturais que vão desde cachoeiras e fazendas a montanhas com neves, passando longe do muito retratado em filmes de hollywood que

mostram a África somente por uma perspectiva. Esse lado mostrado pelo cinema norte-americano em filmes como “*Diamante de Sangue*”(2006) e “*Lágrimas do Sol*”(2003) retrata a pobreza, a marginalidade, briga entre tribos e conflitos sociais, claro que filmes separados não criam um imaginário coletivo, porém, em uma análise temporal podemos coletar diversos títulos que juntos, sim, criam um imaginário coletivo referente a África que liga o continente somente a essas características, não levando em conta também a diferença enorme presente no continente, de diferentes países, povos, natureza e desenvolvimento.

Reportagem 3(Tabela 2) - “Do Quênia à Nigéria, o lançamento do filme "Pantera Negra" esta semana está provocando entusiasmo entre os espectadores africanos e o sentimento de que Hollywood finalmente preencheu uma lacuna. Pantera Negra não é apenas o primeiro super-herói africano da Marvel a ter um filme próprio, ele lidera o reino imaginário de Wakanda, que conseguiu explorar um mineral raro, o vibranium, para virar a nação mais desenvolvida e avançada tecnologicamente do mundo.”

Durante este estudo relatou-se a presença de uma lacuna que existe em todos os campos sociais quando falamos no contexto que envolve os indivíduos negros que foram criados no continente americano, isso muito tem a ver com o processo escravocrata, mas também, acrescentando a problemática e em correlação com o tópico, vemos que também existe uma lacuna na representação dos indivíduos negros da própria África. Assim, o filme começa um trabalho de “formiga”, e dá um primeiro passo no longo processo de começar a tapar essas lacunas.

#### **4.3.4 - COMPOSIÇÃO: PERSONAGENS, ROUPAS, FIGURINOS E IDIOMA**

Por último, tem-se a composição dos personagens e como o diretor Ryan Coogler conseguiu dirigir uma obra que mesmo direcionada ao entretenimento se manteve ao mesmo tempo importante em seu papel simbólico. Para esta análise, precisamos decompor o filme e fazer uma leitura em diferentes planos de interpretação, pois temos na mesma análise uma mudança na representação feminina, um conflito filosófico e ético entre herói e vilão, também uma construção de sotaque, figurinos e roupas.

Reportagem 1(Tabela 2) - “Basicamente, temos um herói negro pacifista versus um vilão negro belicista. Este é o importante conflito filosófico do filme. O que o torna tão necessário.”

No primeiro plano e por se tratar do conflito principal da trama, temos o embate entre T’Challa e Erik, que vai se compor não somente das cenas de ação e do combate físico, mas também no campo do discurso e da visão de mundo. Inicialmente temos o príncipe, que após perder o pai assume o reinado e segue tendo a mesma visão dos seus antepassados, que mantém Wakanda sob sigilo e distante dos países estrangeiros, até mesmo os do continente africano, o que vai gerar também um conflito amoroso entre T’Challa e Nakia. Por outro lado temos o vilão Erik, que vai traçar um plano para assumir o posto de rei de Wakanda e assim disseminar as armas do país para os cães de guarda ao redor do mundo, de forma a ajudar as pessoas negras a se libertarem da opressão que sofrem em uma sociedade racista. Há na sua raiva e ódio um sentimento muito pertinente a alguém que cresceu em uma estrutura social racista e segregacionista, que adoce a alma negra e invisibiliza as duas dores. E esses sentimentos revoltos se agravam ainda mais ao se deparar com a forma que as pessoas negras vivem em Wakanda, principalmente seus familiares. Esse confronto entre essas duas perspectivas trazem ao filme um debate social e acrescenta as cenas de ação um ar ideológico. Essa combinação, agregada aos outros elementos já trabalhados, forma uma obra que permite esse debate sobre suas implicações e representações. O que vai aproximar também de outro filme do gênero a trazer um embate filosófico entre herói e vilão, também questões éticas e morais que é o “*Batman: O Cavaleiro das Trevas*” (2008).

Reportagem 7(Tabela 2) - “A crítica elogiou a combinação de grandes perseguições, cenários futuristas, humor e heróis com um figurino e maquiagem inspirados em guerreiros africanos.”

Outro ponto a ser considerado é a inserção do sotaque africano na fala dos personagens, um aspecto muito peculiar do filme e que traz para a sua dimensão um gatilho para a transposição do espectador para um contexto realmente africano, mesmo o idioma sendo o Inglês. Esse carregamento do sotaque na fala das pessoas de Wakanda além de facilitar a imersão no universo do filme traz igualmente mais um aspecto da África, no sentido de valorizar também a oralidade e a ancestralidade dos personagens. Caracterizar esse sotaque

reafirmar também um ponto da cultura africana, assim como outros lugares possuem um jeito próprio de falar, um país africano também deveria ter um detalhe próprio.

Reportagem 7(Tabela 2) - “Boseman, nascido na Carolina do Sul em uma família procedente de Serra Leoa, contou como decidiu dar ao personagem um refinado sotaque do leste da África - apesar das tentativas de algumas pessoas de que mudasse de ideia. "Fui categórico", disse. "As entonações e melodias de um sotaque africano são tão clássicas como as da Grã-Bretanha ou Europa".

Agora dois pontos importantes se unem, a representação das mulheres e também a composição feita pelos figurinos e maquiagem. A realidade é que o cinema usou durante muitos anos a sexualização e objetificação do corpo feminino como um apelativo na atração de público, o que se coloca como normal em uma sociedade machista e sexista, além de romper com laços racistas, Pantera Negra também rompe com os estereótipos femininos. E muito dessa representação, mais igualitária, vai se apoiar nas roupas que as personagens femininas usam, longe de ter decotes e de explorar roupas curtas, os figurinos parecem unissex, não tendo uma relação direta das roupas com o gênero ou orientação sexual. As vestes vão se configurar nos desenhos tribais, de formas e cores, também na funcionalidade no caso do herói e das guerreiras Dora Milaje.

Reportagem 7(Tabela 2) - “O filme também reserva um espaço preponderante às mulheres. "Na cultura africana sinto que não há rei sem rainha. E esta história ressalta a rainha, a guerreira, a general, a jovem irmã", disse Angela Bassett, que interpreta a mãe de T'Challa, Ramonda.”

Sobre este aporte do vestuário, a representação feminina é algo que se destaca bastante, primeiramente por termos o grupo de seguranças do rei formado somente por mulheres e posteriormente por termos os avanços tecnológicos liderados por uma jovem. Pantera Negra, neste sentido tem sua rede de suporte dada por mulheres guerreiras, dando um protagonismo a personagens femininas, deixando apenas o campo afetivo e emocional, mas também liderando cenas de lutas e combates.

## **5. PANTERA: PODER E IDENTIDADE**

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

Lélia Gonzalez, *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*.

### **5.1 - PODER, IDENTIDADE E LUGAR DE FALA**

O filme nos apresenta a novos caminhos a serem trilhados quando falamos de construção da identidade negra, ele se coloca como uma obra disruptiva da indústria cultural de massas, saindo da gama já marcada de estereótipos e estigmas que norteou durante séculos a construção da identidade negra no imaginário coletivo. Ao lutar por uma maior representatividade, estamos sobretudo, lutando pela afirmação da nossa existência enquanto indivíduos autônomos e atores políticos, estamos reivindicando nossos direitos enquanto cidadãos com plenos direitos e deveres. Romper com o *status quo* que nos segrega dos

espaços públicos e restringe o nosso crescimento na pirâmide social. E acima de tudo, possibilitar para que nós tenhamos espaços midiáticos para que falemos por nós mesmo.

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida. (DJAMILA RIBEIRO, 2017)

A nossa sociedade funciona como um organismo vivo, que sofre mutações constantemente, e um corpo onde tudo está interligado - tudo se relaciona. Seguindo essa analogia, podemos ver como a representatividade está ligada com identidade e poder, e esse poder permite a quem o detém obter um lugar de fala privilegiado. Djamilá Ribeiro (2017), apresenta uma conceituação sobre feminismo, feminismo negro, racismo e filosofia. Estas reflexões, apontam para a importância do debate sobre identidades e lugar de fala, que colocam o objeto central, o filme “Pantera Negra”, como um marco para a criação de novas perspectivas do negro na comunicação audiovisual. Pois é através das identidades que nos relacionamos, que interagimos com o “outro” e que possibilita todas as interações sociais.

Antes da abordagem sobre identidades, é importante lembrar que o racismo com o qual estamos lidando, não é uma questão pontual, mas sim um racismo estrutural e histórico, que cerceia direitos e oportunidades e, se estabelece em forma de um complexo sistema de opressão. Tendo suas expressões tanto de formas explícitas, quanto em formas implícitas e simbólicas. É tendo esse sistema como base que a nossa sociedade brasileira vai se forjar e se moldar. O ponto central agora se trata de nomear essas desigualdades, identificar quais os grupos que estão em maior vulnerabilidade social para que se possa pensar em políticas públicas específicas e assim permitir que todas as camadas da sociedade tenham o mínimo do bem-estar social. O que convém é que para se nomear esses grupos, é preciso validar as suas identidades, reconhecê-las como formações originais e com núcleos gravados no corpo social popular. Esse processo de reconhecimento é um dos fatores que atrasam o desenvolvimento para combater essas desigualdades, pois há uma tentativa de universalizar as causas, não levando em conta as diferentes experiências dos grupos.

Tais críticas à identidade são feitas pela direita, pelos liberais, pela esquerda, todos unidos na argumentação de que a política identitária fratura o corpo político, isto é, enfatiza as diferenças às custas das comunalidades e que seu foco sobre identidades só oferece uma política reducionista, que reduziria ou substituiria uma avaliação de uma visão política da pessoa por uma avaliação de sua identidade. (ALCOFF, 2016)

O que precisa entrar nesse debate é analisar como essas identidades foram criadas, em uma sociedade controlada pelo capital, quem determina os padrões a serem seguidos? Outra questão importante é salientar em qual contexto histórico essas identidades foram concebidas. São questões importantes quando tratamos de desigualdades, pois temos um determinado grupo no poder econômico e social, que estabelece padrões e hierarquias que segregam a maior parte da população, criando doenças sociais como machismo, racismo, homofobia, entre outras.

Alcoff faz um reflexão rica e sofisticada de como é preciso perceber como o colonialismo reifica as identidades e como não é possível fazer um debate amplo sobre um projeto de sociedade sem enfrentar o modo pelo qual certas identidades são criadas dentro da lógica colonial. (DJAMILA RIBEIRO, 2017)

Apresenta-se então uma problemática que envolve a criação das identidades em uma sociedade que descende do sistema de produção escravocrata e que foi durante muito tempo uma sociedade colonial. Nessa perspectiva podemos questionar novamente que durante a estruturação nacional ao longo das décadas, o comando passou sob a tutela de apenas um determinado grupo - a elite -, que detém os meios de produção, o poder econômico, o poder político e os meios de comunicação, invisibilizando toda uma sociedade complexa e pluricultural, que cresce às margens paralelamente dessa elite. Portanto, se faz importante o debate sobre identidades.

Acusar-nos de “aficionados por políticas identitárias” é um argumento falacioso, isto é, quando se quer como dado aquilo que se deseja provar, pois o objetivo principal ao confrontarmos a norma não meramente falar de identidades, mas desvelar o uso que as instituições fazem das identidades para oprimir ou privilegiar. O que se quer com esse debate, fundamentalmente, é entender como poder e identidades funcionam juntos a depender de seus contextos e como o colonialismo, além de criar, deslegitima ou legitima certas identidades. Logo, não é uma política reducionista, mas atenta-se para o fato de que as desigualdades são criadas pelo modo como o poder articula essas identidades; são resultantes de uma estrutura de opressão que privilegia certos grupos em detrimento de outros. (DJAMILA RIBEIRO, 2017)

Toda relação de poder se estabelece na interação, ou seja, há neste espaço um processo de identificação do sujeito que detém o poder e do sujeito que é subjugado pelo poder. O poder se manifesta como forma de identidade, ele se coloca como um atributo identitário, e mesmo que o poder se estabeleça das mais variadas formas de manifestação, existe, em todas essas formas esse processo de identificação. Pois é preciso que se reconheça na interação a presença dessa manifestação do poder.

Por exemplo, um príncipe da família real de um país africano, ao chegar no Brasil precisa se identificar como tal, para que o seu poder como ocupante do cargo seja estabelecido e respeitado, é por base da identidade que seu poder se estabelece. Refletimos, no entanto, como essa questão de identidade é importante no contexto social, pois esse príncipe para que seu poder seja reconhecido e validado necessita afirmar a sua identidade, não há um conhecimento e reconhecimento por parte das sociedades ocidentais na imagem do negro como realeza. No processo de construção identitária e no imaginário coletivo não houve essa associação como já vimos. Por outro lado, um membro da família real britânica, por exemplo, não necessitaria passar por este mesmo processo de identificação, pois já existe no subconsciente coletivo essa associação imagética da identidade desta família. Tanto que o último casamento real foi transmitido em rede nacional aberta.

Indo mais a fundo nesta questão, a filósofa existencialista Simone de Beauvoir vai abordar em uma de suas obras o conceito de o “o outro”, em relação ao conceito de “em si” de Sartre, na sua reflexão ela vai colocar como objeto a relação entre o masculino e o feminino. Mas, o que nos cabe aqui é compreender como essa relação entre o “eu” e o “outro” pode ajudar a dar uma luz sobre a problemática racial. A organização social se estabelece desta forma: os que pertencem e os que não pertencem. Esse paralelo reflexivo trazido agora, serve para compreender como funcionam as estruturas opressoras que segregam determinamos grupos, no caso deste estudo especialmente o racismo.

Os judeus são os “outros” para o anti-semita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Levi Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social”. (BOEAUVOIR 1980)

Há nessa discussão a relação da construção de identidade, a concepção do “eu”: eu me construo também no olhar do outro, de forma que eu me reconheço me diferenciando do outro. Assim, “eu” e meus semelhantes, aqueles os quais eu reconheço a identidade pertencemos a um determinado grupo, sendo aqueles diferentes constituindo os “outros grupos”. Como temos uma sociedade amplamente plural, no sentido de que existente milhares de combinações de grupos possíveis, ainda mais depois da globalização e fragmentação cultural, essa relação do “eu” e o “outro” se coloca de forma mais complexa e translúcida. Mas que ao analisar as problemáticas de gênero, sexualidade, imigração e racial, se tornam de fácil detecção.

“Esclarece-se, ao contrário, se, segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo; ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto.” (BOEAUVOIR 1980)

No que diz respeito ao racismo, essa dicotomia fica evidente, há uma clara separação entre o branco e o negro, que justificou justamente a escravidão durante tantos anos e que hoje serve para cegar o debate racial. Essa diferença existe e, necessita ser nomeada para que políticas públicas possam ser elaboradas com o intuito de dissolver as desigualdades criadas justamente na exclusão histórica que separou os “outros” do “eu” (homem e branco), que construiu uma hegemonia de privilégios que o perpetua no poder. Falar sobre as diferenças, sobre as mais variadas identidades, não é segregar o debate, mas sim afirmar e reconhecer essas diferentes identidades, reconhecendo todo o trajeto histórico-social que elas passaram, para que hoje sejam fruto de autoafirmação.

“Essa insistência em não perceberem como marcados, em discutir como as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais, faz com que pessoas brancas, por exemplo, ainda insistam no argumento de que somente elas pensam na coletividade; que pessoas negras, ao reivindicarem suas existências e modos de fazer político e intelectuais, sejam vistas como separatistas ou pensando somente nelas mesmas. Ao persistirem na ideia de que são universais e falam por todos, insistem em falarem pelos outros, quando, na verdade, estão falando de si ao se julgarem universais.” (DJAMILA RIBEIRO, 2017)

Após analisar esse processo de identidade e poder, pode-se perceber que no campo social apenas um grupo é autorizado ao discurso, sendo discurso segundo Djamilá Ribeiro, “à

noção foucaultiana de discurso. Ou seja, de não pensar discurso como amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle.”. Dessa forma, temos a autorização a apenas um grupo de produzir saberes e conhecimento, e de uso do discurso. O que retoma ao início deste trabalho quando abordamos a história da África e escravidão, quando apenas uma narrativa foi transmitida e reproduzida. A narrativa do branco colonizador, que coloca os negros em um não-lugar, não validando sua cultura, sua identidade e o segregando os espaços de sociais, assim inviabilizando seu lugar de fala.

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia e a hierarquização de saberes consequente da hierarquização social. (DJAMILA RIBEIRO, 2017)

Essa passagem rápida e teórica sobre poder, identidade e lugar de fala se fez necessária para que além de analisar as publicações midiáticas sobre o filme Pantera Negra, se possa compreender não somente a análise de conteúdo sobre essas reportagens, mas também o contexto que as envolvem. Verificar quem está discursando, de que lugar estão falando e para quem se direciona.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Algumas palavras foram muito utilizadas e repetidas durante este trabalho, e de forma proposital, justamente para reforçar alguns pontos de vistas que essa pesquisa se propôs a tentar investigar. Dentre elas, três são - eu diria-, as palavras-chaves para que se pudesse construir essa linha de raciocínio, são elas: identidade, invisibilidade e representatividade. Juntas elas vão formar todo um conjunto de conceitos que vai justificar a escolha de Pantera Negra como o tema principal. No entanto, o filme é apenas um detalhe em um processo muito maior e complexo que é o racismo estrutural e sistêmico no qual vivemos. O que me

proponho a questionar é qual o papel que esta produção possui neste cenário, quais os seu impactos reais no cotidiano das pessoas negras.

Esse racismo estrutural, o qual tratei, não apenas segrega pessoas negras de galgar espaços em campos sociais ou apenas lhes retira o discurso e faz um silenciamento epistêmico, mas esse sistema complexo ceifa vidas negras, sobretudo de jovens negros. Existe hoje, no Brasil, um Genocídio da juventude negra nas periferias. E os fatores que levam a esse cenário são diversos, vão desde a formação das periferias (relatada no tópico pós escravidão) até a ausência de políticas públicas afirmativas que possibilitem a transição social destes grupos. Mas nesse conjunto de causas, está a estereotipização da pessoa negra, muito fortalecida pela cultura de massa, a violência está quase sempre ligada a pele negra, seja em telenovela, filmes, programas de TV, a ponto que essa imagem já esteja cristalizada no imaginário coletivo. Um exemplo disto, é o caso recente do garçom Rodrigo Alexandre da Silva Serrano, que foi morto pela polícia enquanto esperava a família em uma comunidade do Rio de Janeiro, o motivo foi o seu guarda-chuva que foi confundido com um fuzil. Rodrigo, um homem negro morto por uma imagem que um homem negro representa.

Exemplos como esse, infelizmente, não faltam. Nesse sentido, o racismo e a estereotipização, matam e matam bastante. Como mostra notícia veiculada no Jornal Nacional (link nas referências) com base em uma pesquisa feita pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública, na qual apontou que: “A cada 100 vítimas de homicídio no Brasil, 71 são negras, diz estudo. Levantamento, feito pela ONG Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostrou que o abismo entre brancos e negros aumentou na última década.”

É neste panorama que a criação de novas identidades e novas formas de representação do ser negro se fazem ainda mais necessárias, elas se envolvem com uma construção emocional e afetiva mais saudável - possibilita uma criação de autoestima mais forte e responsável, no sentido de despadronizar a estética branca hegemônica -, e também poderá salvar vidas. Se faz importante a crítica a essas identidades cristalizadas por estereótipos: quem as produziu? sobre quais perspectivas e com quais intenções? que ligações possuem com a realidade? São questionamentos pertinentes, quando se propõe a questionar o senso comum, a tensionar a organização social existente.

Com o aumento de grupos sociais reivindicando seus direitos, usando de plataformas digitais para reafirmar suas existências, como os movimentos feministas, LGBT, por exemplo, pode-se tomar conhecimento da quebras dessas identidades rígidas sustentadas durante muito

tempo pelas mídias tradicionais. Caminhando nesta direção de propor novas perspectivas de identidades, Pantera Negra se encaixa no *hall* de produções disruptivas da indústria que abrem espaço na construção de novas identidades, que condizem fidedignas à realidade.

No contexto Brasil, embora a desigualdade racial ainda possui números alarmantes, algumas políticas afirmativas foram tomadas no últimos anos para que houvesse uma maior inserção da população negra nas universidades públicas e também instituições públicas com a aprovação da reserva de cotas, a exemplo. Somando-se a isso, temos um maior contingente de pessoas negras ocupando espaços notórios no campus social, fugindo um pouco dos espaços já marcados como as artes e esportes. É importante a ocupação de espaços ainda não ocupados para abranger o campo de possibilidades que para nós, negros, sempre foi restringido por essa sociedade racista.

Produções como Pantera Negra vem no intuito de justamente ampliar percepções, no sentido de que mulheres negras podem ser guerreiras e generais, também serem cientistas se quiserem; homens negros podem ser príncipes e reis, e também super heróis. Pessoas negras podem ser o que quiserem e é preciso que a indústria cultural se atenha a essas novas configurações identitárias.

## REFERÊNCIAS

### BIBLIOGRAFIA

Prefácio Dicionário da **Escravidão e Liberdade**, 2018, pg 11.

ALCOFF, Linda. **Uma epistemologia para a próxima revolução. Sociedade e Estado**. Brasília, n.1, v.31, jan./abr., 2016.

AMARO, Sarita. **Racismo, Igualdade Racial e Políticas de Ações. Rio Grande do Sul: EdiPucRs, 2016.**

- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1980a.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de Sérgio Millet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1980b.
- BETHENCOURT, Francisco. **Racismos. Das Cruzadas ao Século XX**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2018.
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA(Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano editora, 2003. [Coleção valores e atitudes, série Valores; n.1. Não discriminação]
- CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio**. Geledes, 04 set.2007.
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v.31, n.1, p 99-127, 2016.
- COLLINS, Patricia Hill. **Comentário sobre artigo de Hekman “Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited”**: Onde está o poder? *Signs*, v.22, n.2, p. 375-381. [Tradução de Juliana Borges]
- COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. Nova York: Routledge, 2000.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Cultura e Política**. Boitempo, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Pallas.
- FIGARO, Roseli. **Comunicação e Análise de Discurso**. Contexto: 2015.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Os intelectuais e o poder**. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- GELEDES. *Sojourner Truth*.
- GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na cultura brasileira**. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984.
- GUIMARÃES, Geni. **Leito do Peito**. Mazza Edições, 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovick. Tradução de Adelaine La Guardia Resende...[et al]. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

- HALL, Stuart. Identidades Culturais na pós modernidade. HOOKS, Bell. *Ensinando a Transgredir. A educação como prática da liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- HOOKS, Bell. *Feminism is for Everybody: Passionate Politics*. [S.I]: Pluto Express, 2000.
- HOOKS, Bell. *Intelectuais negras*.
- HOOKS, Bell. *Talking Back: Thonking Feminist and Talking Black*. Boston: South End Press, 1989.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Ática.
- JOAQUIM, Maria Salete. *Construção da Identidade Negra*. Pallas.
- MOORE, Carlos. *Racismo e Sociedade: Novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- NACIONAL, Biblioteca. *Para uma História do Negro no Brasil*. Rio de Janeiro. 1988. pg 11.
- NASCIMENTO, Abidias do. *O genocídio do negro brasileiro*. 1978.
- PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. Perspectiva, 2015.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente Seraphim. *Semiótica Visual: Os Percursos do Olhar*. Contexto, 2004.
- PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008. Página 34.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*, 1995, pg 113
- RIBEIRO, Djamila. *O que é Lugar de Fala?*. 2017. Ed. Justificando.
- RIBEIRO, Djamila. *Conceição Evaristo: “Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio”*. *Carta Capital*, 13 maio 2017.
- SANTANA, Bianca. *Quando me Descobri Negra*. São Paulo: Sesi-SP, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução de Paulo Perdiggão. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SOUZA, Jessé. *A Ralé Brasileira*, 2009, pg 32.
- SOUZA, Jessé, 2017 *A Elite do Atraso*, pg 75,114.
- UNESCO. *História geral da África*, vol. II, Prefácio - pg XXIV. 2010.
- UNESCO. *História geral da África*, vol. I. 2010.

## FILMES

*BLACK PANTHER* (Pantera Negra). Ryan Coogler. 2018.

**Os Pantera Negras: Vanguarda da revolução.** Stanley Nelson. 2015.

## SITES

**História geral da África, vol. I.** UNESCO. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0019/001902/190249POR.pdf>>. Acesso em: jul. 2018.

**História Geral da África, vol. II.** UNESCO. Domínio Público. Disponível em:

<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000319.pdf>>. Acesso em: jul. 2018.

**Dicionário da Escravidão e Liberdade.** Companhia das Letras. Disponível em:

<<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14520.pdf>>. Acesso em: jul. 2018.

**Quase 100 mil brasileiros conseguiram cidadania portuguesa desde 2010.** G1. Disponível

em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/quase-100-mil-brasileiros-conseguiram-cidadania-portuguesa-desde-2010-saiba-como.ghtml>>. Acesso em: jul. 2018.

**Ensino de história da África ainda não está nos planos pedagógicos, diz professora.**

BRASIL DE FATO. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2017/01/08/ensino-de-historia-da-afrika-ainda-nao-esta-nos-planos-pedagogicos-diz-professora/>>. Acesso em: jul. 2018.

**Terreiro de candomblé é invadido e depredado em Nova Iguaçu.** G1. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/terreiro-de-candomble-e-invadido-e-depredado-em-nova-iguacu.ghtml>>. Acesso em: jul. 2018.

**PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas.** EL

PAÍS. Disponível em:

<[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458\\_048104.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/19/politica/1537367458_048104.html)>. Acesso em: set. 2018.

**Polícia mata homem negro 'armado' com celular na Califórnia.** G1. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/policia-mata-homem-negro-armado-com-celular-na-california.ghtml>>. Acesso em: set. 2018.

**A cada 100 vítimas de homicídio no Brasil, 71 são negras, diz estudo.** G1. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/11/cada-100-vitimas-de-homicidio-no-brasil-71-sao-negras-diz-estudo.html>>. Acesso em: ago. 2018.

**Angela Davis - Legendado.** YouTube. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=pMtIIV0S5vA>>. Acesso em: ago. 2018.

**Como realizar uma análise fílmica?** Revista Monet. Disponível em:

<<https://revistamoviment.net/como-fazer-uma-analise-filmica-96f1e7e6cc74>>. Acesso em: ago. 2018.

**Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** BOCC. Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>>. Acesso em: set. 2018.

**CRÍTICA: PANTERA NEGRA.** Classe de Cinema. Disponível em:

<<http://classedecinema.blogspot.com/2018/02/pantera-negra.html>>. Acesso em: set. 2018.

**PANTERA NEGRA.** Adoro Cinema. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130336/criticas-adorocinema/>>. Acesso em: set. 2018.

**PANTERA NEGRA.** Adoro Cinema. Disponível em:

<<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-130336/criticas/imprensa/>>. Acesso em: set. 2018.

**Crítica | Pantera Negra - O filme mais sério e necessário da Marvel.** Cinepop. Disponível em: <<https://cinepop.com.br/critica-pantera-negra-o-filme-mais-serio-e-necessario-da-marvel-166128>>. Acesso em: set. 2018.

**Pantera Negra | Crítica.** Omelete. Disponível em:

<<https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/pantera-negra-critica>>. Acesso em: set. 2018.

**Por que o filme 'Pantera Negra' incomoda tanta gente?** Folha de S.Paulo. Disponível em:

<<https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/02/por-que-o-filme-pantera-negra-incomoda-tanta-gente.shtml>>. Acesso em: ago. 2018.

**Crítica: Pantera Negra é o mais politizado filme do Marvel Studios.** TecMundo.

Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/127282-critica-pantera-negra-politizado-filme-marvel-studios.htm>>. Acesso em: set. 2018.

**PANTERA NEGRA.** Carta Capital. Disponível em:

<<http://cinemaemcena.cartacapital.com.br/critica/filme/8442/pantera-negra>>. Acesso em: set. 2018.

**CRÍTICA: PANTERA NEGRA.** O Globo. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/rioshow/critica-pantera-negra-22389223>>. Acesso em: set. 2018.

**CRÍTICA| PANTERA NEGRA.** O Vício. Disponível em: <<https://ovicio.com.br/critica-pantera-negra/>>. Acesso em: set. 2018.

**'Pantera Negra' vira alvo de um boicote racista e muito bizarro.** M de Mulher. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/cultura/pantera-negra-vira-alvo-de-um-boicote-racista-e-muito-bizarro/>>. Acesso em: set. 2018.

**'Pantera Negra': Fãs da DC se unem para boicotar filme no Rotten Tomatoes.** Cinepop. Disponível em: <<https://cinepop.com.br/pantera-negra-fas-da-dc-se-unem-para-boicotar-filme-no-rotten-tomatoes-165740>>. Acesso em: set. 2018.

## REPORTAGENS DE ANÁLISE

**Pantera Negra, o primeiro super-herói negro da sua coleção de bonecos.** G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/blog/dodo-azevedo/post/pantera-negra-o-primeiro-super-heroi-negro-da-sua-colecao-de-bonecos.html>>. Acesso em: out. 2018.

**Estudantes fazem campanha para levar crianças negras a assistir ao filme Pantera Negra no cinema.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/estudantes-fazem-campanha-para-levar-criancas-negras-a-assistir-ao-filme-pantera-negra-no-cinema.ghtml>>. Acesso em: set. 2018.

**'Pantera Negra' gera entusiasmo e orgulho entre os africanos; veja trailer.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/pantera-negra-gera-entusiasmo-e-orgulho-entre-os-africanos.ghtml>>. Acesso em: out. 2018.

**'Pantera Negra' prova que super-heróis têm algo relevante a dizer além de socos e explosões; G1 já viu.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/pantera-negra-prova-que-super-herois-tem-algo-relevante-a-dizer-alem-de-socos-e-explosoes-g1-ja-viu.ghtml>>. Acesso em: out. 2018.

**'Pantera Negra': analistas avaliam se filme com herói negro vai representar maior inclusão ou exceção no cinema.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/pantera-negra-analistas-avaliam-se-filme-com-heroi-negro-representa-maior-inclusao-ou-excecao-no-cinema.ghtml>>. Acesso em: out. 2018.

**Atores de 'Pantera Negra' ressaltam importância da cultura africana em filme da Marvel.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/atores-de-pantera-negra-ressaltam-importancia-da-cultura-africana-em-filme-da-marvel.ghtml>>. Acesso em: out. 2018.

**'Pantera Negra' ganha elogios com perseguições, cenários futuristas, humor e guerreiros africanos.** G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/pantera-negra-ganha-elogios-com-persegicoes-cenarios-futuristas-humor-e-guerreiros-africanos.ghtml>>.

Acesso em: out. 2018.